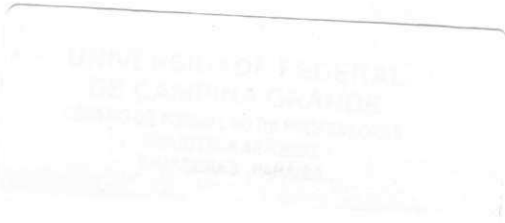


UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIDADE ACADÊMICA DE
LETRAS
CAJAZEIRAS – PARAÍBA

FRANCISCA ELIANE COSTA SILVA

**A Produção Textual a Partir dos Gêneros: Uma Análise das
Propostas de Produção de Texto em Livro Didático.**

Cajazeiras / setembro de 2008



*TCC
SILVA*

*Francisca Eliane Costa Silva
Especialização*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIDADE ACADÊMICA DE
LETRAS
CAJAZEIRAS – PARAÍBA

FRANCISCA ELIANE COSTA SILVA

A Produção Textual a Partir dos Gêneros: Uma Análise das
Propostas de Produção de Texto em Livro Didático.

Monografia apresentada ao
Departamento de Letras – DL do
CAMPUS de Cajazeiras da
Universidade Federal de Campina
Grande – UFCG – como requisito de
conclusão do curso de Especialização em
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Onireves Monteiro de
Castro.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LETRAS
CAJAZEIRAS - PARAÍBA



S586p

Silva, Francisca Eliane Costa.

A produção textual a partir dos gêneros: uma análise das propostas de produção de texto em livro didáticos / Francisca Eliane Costa Silva. - Cajazeiras, 2008.

65p. : il.

Não Disponível em CD.

Monografia(Especialização em Língua Portuguesa)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.

Contem Bibliografia.

1. Linguística textual. 2. Produção de texto. 3. Escrita. 4. Gênero textual. 5. Livro didático. 6. Especialização. I. Castro, Onireves Monteiro de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 81'42

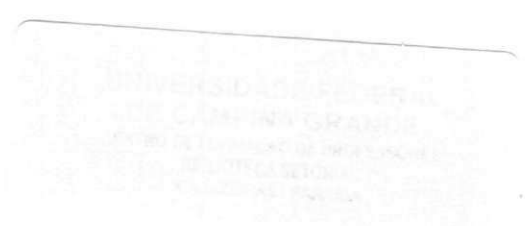
FOLHA DE APROVAÇÃO

**A Produção Textual a Partir dos Gêneros: Uma Análise das
Propostas de Produção de Texto em Livro Didático.**

Orientador: Prof. Dr. Oniveres Monteiro de Castro

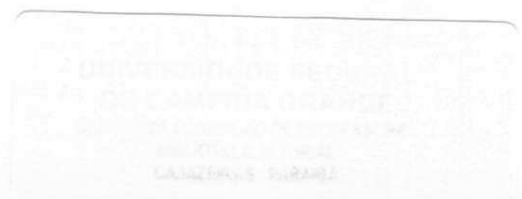
Examinador 2:

Examinador 3:



DEDICATÓRIA

A todos os graduados de qualquer curso pós-graduados que tem monografia em sua conclusão. A realização desde trabalho permite o teste do limite da nossa capacidade criativa. A partir disso podemos perceber o quanto podemos suportar, o tanto que somos ousados e até onde queremos chegar.



AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve ao meu lado, principalmente nos momentos de angústia, e sempre mostrou uma luz no fim do túnel.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e me apoiaram para que eu pudesse realizar os meus objetivos.

Ao professor Oniveres, que conseguiu me orientar mesmo diante das peripécias que sempre aparecem.



SUMÁRIO

• Resumo	
• Abstract	
Introdução.....	9
Capítulo I: – Reflexões teóricas sobre a produção escrita	11
1.1 – O predomínio da norma culta no ensino/aprendizagem	11
1.2 – O surgimento das novas perspectivas para o ensino da escrita.....	14
1.3 - Uma visão sócio- interacionista da escrita.....	17
1.4 - A contribuição da teoria dos gêneros para a produção escrita.....	18
1.5 - Gênero textual e tipo textual.....	19
1.5.1 Estrutura seqüencial narrativa.....	22
1.5.2 Estrutura seqüencial descritiva	22
1.5.3 Estrutura da seqüência argumentativa	23
1.5.4 Estrutura da seqüência explicativa.....	23
1.5.5 A seqüência conversacional dialogal.....	23
Capítulo II: - Descrição e Análise das Propostas de Produção de Texto no	
Livro Didático “Português Leitura – produção – gramática.....	26
• Considerações Finais.....	31
• Referências Bibliográficas.....	32
• Anexos.....	33

SILVA. Francisca E. Costa. A produção textual no 9º ano do Ensino Fundamental: uma análise das propostas de produção de texto no Livro Didático. Campus de Cajazeiras – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Cajazeiras – 2008.

RESUMO

Este trabalho surgiu a partir da dificuldade que muitos alunos sentem em escrever bem. Esse fato nos impulsionou a pesquisar sobre como se desenvolve o processo da escrita na sala de aula e quais são os agentes que influenciaram nesse processo. Diante deste problema de pesquisa, decidimos analisar a influência que o livro didático exerce na produção escrita do aluno, visto que, é no livro que se concentra a maioria das propostas de escritas que ele irá desenvolver durante o ano letivo. A partir disso escolhemos, o livro didático “Português: leitura, produção, gramática” da autora Leila Lauer Sarmiento, para fazer esta análise.

Iniciamos nosso trabalho discutindo sobre a importância que a escrita tem principalmente nos dias atuais, com os avanços tecnológicos e a globalização. Em seguida, estabelecemos uma relação entre o predomínio normativo do ensino de Português como língua materna e o surgimento de novas teorias como a Linguística Textual e as propostas de ensino/aprendizagem dos PCN que se baseiam nessas teorias. Com base em teóricos como Bakhtin (1997) Bronckart (2003) adotamos alguns parâmetros de análise. Esses parâmetros englobam as categorias de indicação de gênero textual e indicação das condições de produção que se subdivide em indicação da interlocução e do propósito comunicativo. De acordo com essas categorias, analisamos o LD “ Português: Leitura, produção, gramática” e constatamos que as propostas de produção escrita presentes neste livro contemplam as categorias que adotamos. Diante disso ficamos satisfeitos em ter em mão subsídios necessários para se amenizar as dificuldades dos alunos, chegando assim a obtenção de grande êxito.

Palavras- chave: escrita, gêneros textuais, Livro Didático.

SILVA.Francisca E. Costa The textual production in Elementary school: an analysis of the proposals of text production in the didactic book.

Campus de Cajazeiras – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Cajazeiras 2008.

Abstract

This work from the difficulty that many students undergo in writing well. That fact motivated us to research on how the writing process is developed in classes and which developed in classes and which are the agents that influence in that process. Before this research problem, we decided to analyze the influence that the didactic book (DB) take place in the student's written production, once that in the DB concentrate most of the writing proposals that the learners will developed during the school year.

Starting from that, we chose the DB “ Português: Leitura. Produção Gramática” produced by Leila Lauer Sarmiento in order to achieve our analysis.

We began this work discussing on the written importance, mainly in the current days, with the technological progresses advance, and the globalization.

Soon after we established a relationship among the normative prevalence of Portuguese's teaching as maternal language and the emersion of the new theories as the textual Linguistics.

The Theory of the Enunciation, the theory of the textual Gender and the proposals of teaching and learning according to the PCN(Parâmetros Curriculares Nacionais) that were elaborated according to those theories. Based on theoretical like Bakhtin (1997) Bronckart (2003), Brandão (2000) and the Marcuschi (2003), we adapted some analysis parameters.

Those parameters include the categories of indication of textual gender, indication of textual kind and of the communicative purpose. In agreement with those categories we analyzed the above cited DB, where we verified that the proposals of the written production contemplate the categories that adopt. Before that we stay satisfied in have in hand necessary subsidy to of softening the student's difficulties, coming like that the acquirement of big success.

Key - Words: Writing, Textual, Gender Didactic book.

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, principalmente após a revolução industrial, o mundo passaria por mudanças imagináveis. O surgimento das máquinas e o avanço da tecnologia começam a constituir uma nova realidade social. Diante dessa mudanças há uma ampliação da utilização da escrita, posteriormente com o uso da internet em que o texto escrito ganha uma importância vital.

Com o passar dos anos, os avanços tecnológicos foram tão grandes que o mundo passou a ser globalizado, ou seja, através dos aparelhos de comunicação com a internet a televisão, o rádio, os jornais, etc, o “mundo” pode estar dentro de casa de qualquer pessoa. Em meio a tantas transformações, as pessoas precisam dominar os mecanismos de comunicação, tanto os orais quanto os escritos. É função da escola promover situações de aprendizagem, nas quais os alunos dominem os mecanismos necessários, principalmente a leitura e a escrita para poderem adquirir o status de cidadãos cidadãos participativos da dinâmica social.

Neste sentido, o professor será um dos grandes responsáveis na capacitação e formação de homens e mulheres a estarem aptos a influenciar e serem influenciados pela sociedade. Nessa jornada de capacitar pessoas, o professor, tem a seu favor o Livro Didático como ferramenta que subsidia o seu trabalho de ensino/aprendizagem. Todavia, vale ressaltar que o LD é a principal ferramenta de trabalho do professor, porém não é a única. No entanto muitos educadores o consideram como uma “bíblia sagrada”.

De qualquer forma, as propostas de produção de texto, concentradas no Livro Didático vão nortear, em grande parte, a tarefa do professor em auxiliar os seus alunos no processo de desenvolvimento da escrita. É para esse aspecto que o presente trabalho está direcionado.

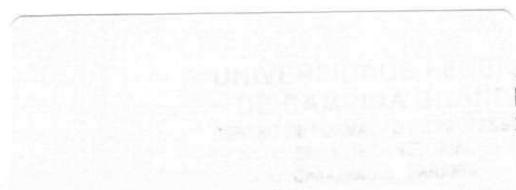
Diante da dificuldade que os nossos alunos apresentam em escrever bem, resolvemos analisar as propostas de atividades escrita no Livro Didático Português Leitura, Produção, Gramática; com o objetivo de verificar se as propostas oferecidas por este livro possuem todos os elementos necessários para uma boa produção de texto pelos alunos. Para a observação dessas atividades, escolhemos algumas categorias como

parâmetros de análise que vão servir para orientar o nosso trabalho: Indicação do tipo de gênero textual, indicação do tipo textual e as indicações das condições de produção.

Direcionamos os nossos objetivos de modo que o presente trabalho se divide em dois capítulos. No primeiro capítulo, baseamo-nos em autores como Marcuschi (2003), Cagliari (2003), Geraldi (2005), Barhtin (1997), Rojo (2000), entre outros. Respalamos nesses teóricos, discutimos no capítulo inicial a importância que a escrita tem perante o dinamismo da sociedade, a predominância do tratamento normativo dado ao ensino / aprendizagem e o surgimento de novas áreas como a Lingüística Textual, a teoria do sócio-interacionismo e a Teoria dos Gêneros que apresentam uma nova concepção de linguagem a qual adotamos neste trabalho.

No segundo capítulo, descrevemos e analisamos, a luz das teorias citadas no capítulo anterior e com base em nossos parâmetros de análise, as propostas de produção escrita apresentadas no Livro Didático.

Finalmente, nas considerações finais reforçamos a idéia de que uma proposta de produção de texto que contribua para o desenvolvimento da escrita deve apresentar a indicação do gênero a ser produzido, o tipo textual que deve predominar nesse gênero, o interlocutor com quem o aluno deve dialogar e a finalidade que essa produção vai ter.



Capitulo I

Reflexões teóricas sobre a produção escrita

CAPÍTULO 1 – Reflexões teóricas sobre a produção escrita

1.1- O predomínio da norma culta no ensino/aprendizagem

O ser humano tem demonstrado interesse pela linguagem desde muito tempo. A busca de formas de comunicação se deu por uma questão de necessidade e sobrevivência. Ao longo do tempo o homem vem aprimorando a sua capacidade de comunicação. Nos dias atuais, o ser humano tem cada vez mais a necessidade de se comunicar e tem a seu favor, devido ao alto nível de desenvolvimento em que se encontra, os mecanismos mais favoráveis de todos os tempos ao desenvolvimento da comunicação. Prova disso, é o crescente número de pessoas que utilizam o computador, a internet e o e-mail, além de outros gêneros digitais. Nesse contexto, a modalidade escrita vem ganhando cada vez mais espaço, uma vez que a comunicação nessa habilidade ocorre principalmente através de textos.

Nesse sentido, o avanço tecnológico juntamente com o uso cada vez mais freqüente do computador passa a ser algo indispensável às pessoas que vivem numa sociedade competitiva. Diante disso, o uso da internet já faz parte do cotidiano de milhões de brasileiros e, a cada dia que passa, aumenta o número de adeptos ao mundo virtual. Com isso a escrita tem um campo muito fértil para se propagar. Se antes o desenvolvimento da escrita já se deu por uma questão de necessidade, hoje mais do que nunca, as pessoas precisam dominar os mecanismos que regem o ato de escrever, ou seja, vivemos em um mundo capitalista, competitivo, com a oferta de emprego sendo insuficiente à demanda, e para que consigamos sobreviver nessa “arena” profissional é necessário que tenhamos uma ótima capacidade de comunicação tanto no aspecto da oralidade como no aspecto da escrita. A nossa intenção com o presente trabalho está voltada exclusivamente para o ensino/aprendizagem da escrita e a contribuição que o Livro Didático de português como língua materna oferece para o desenvolvimento desse processo.

Defendemos, neste trabalho, uma proposta para o ensino/aprendizagem da escrita de língua portuguesa que contribua para diminuir a dificuldade dos alunos em agir socialmente por meio de sua língua materna. Pois mesmo estando em uma era em que o uso da escrita é tão importante, ainda encontramos um número considerável de depoimentos de alunos do ensino fundamental e médio e de preocupações por parte dos professores, no tocante ao desenvolvimento da escrita. Esses depoimentos tratam à

questão da escrita como uma tarefa muito difícil de ser realizada ou como uma tarefa mais complicada do que deveria ser. Isso nos mostra que há uma inadequação quanto aos modelos de produção da escrita e é em função disso que nos dedicamos a propor ou adaptar atividades de produção textual com o objetivo de amenizar esse problema.

Tradicionalmente o ensino de português como língua materna tem se caracterizado pela predominância normativa, de conceito e regras gramáticas tais como ortografia, sintaxe, morfologia e do estudo através da frase isolada. Aspectos tão privilegiados que o ensino de português passa a ser ou pode ser concebido como ensino de gramática. Segundo Rojo (2000, p.95 – 96):

As aulas de gramática ocupam grande parte do tempo destinado ao ensino de língua, como se o conhecimento metalingüístico pudesse garantir, por si mesmo, o domínio de diversas possibilidades de uso da linguagem nas diferentes situações em que é produzida. O que se observa nessas práticas de ensino é a manutenção e a valorização do ensino de aspectos descritivos da língua, em detrimento do uso, sedimentando uma concepção de língua “morta”, ou seja, “*como um sistema de normas fixas e imutáveis*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929, p. 91).

A nossa intenção aqui não é defender que a língua culta, a considerada padrão pela sociedade, não seja ensinada ou que os alunos não aprendam a desenvolver textos dentro dessa modalidade da língua. Todavia o nosso viés se volta para o fato de que o estudo da linguagem não se transforme apenas em exercício de metalinguagem ou de nomenclatura da língua. O que se verifica com a quantidade de estudos desenvolvidos nessa linha de pesquisa é que o estudo/aprendizagem de língua materna se concentrou durante muito tempo, em um estudo puramente de metalinguagem. Desse modo, a língua era estudada fora da dinâmica social e o que era considerado é que os alunos deveriam aprender a língua através de regras, de normas, de aspectos muito priorizados como a ortografia e ainda era conservada a noção de “erro”, ou seja, tudo aquilo que estivesse fora das regras pré-estabelecidas adquiria esse denominação. Não podemos dizer que atualmente não exista o estudo de metalinguagem, entretanto isso acontece de forma mais branca e o foco do ensino não é somente esse.

Nesse sentido, percebemos que a postura normativa ou a postura de estudo da língua como metalinguagem não surte os efeitos que desejamos e necessitamos hoje, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da produção escrita. A esse respeito Cagliari (2003, p. 124) comenta:

O controle das formas ortográficas é conveniente para fazer avaliações de massa nas classes, mas um desastre para ensinar alguém a escrever o que pensa. O excesso de preocupação com a ortografia desvia a atenção do aluno, destruindo o discurso lingüístico, o texto, para se concentrar no aspecto mais secundário e menos interessante atividade de escrita. Além disso, o controle ortográfico destrói o estímulo que a produção de texto desperta numa criança.

Com essa postura não queremos dizer que o aluno não deve aprender ortografia, contudo a aprendizagem dos mecanismos da língua, principalmente os relacionados à escrita, não deve se resumir a apenas isso ou deva ser mais enfatizado do que outros. Sendo assim, estimular que o aluno desenvolva uma produção textual de forma espontânea e não dar tanta ênfase aos “considerados erros ortográficos” é, a princípio, dar confiança e motivação a esse aluno mostrando que ele é capaz de aprender e de ter certa autonomia no seu aprendizado. Diante disso, a ortografia pode ser trabalhada a partir da própria produção textual do aluno de forma que o professor passa ter um panorama das necessidades desse aluno e possa priorizar os pontos principais como acentuação, pontuação, entre outros.

1.2 – O surgimento das novas perspectivas para o ensino da escrita

Conforme os estudos sobre a aprendizagem foram se ampliando ao longo dos anos, a partir dos anos 80 a concepção formalista passou a ser contestada pelo surgimento das ciências lingüísticas como se verifica em Zaccur (2001, p. 51):

É nessa década que as ciências lingüísticas - a lingüística, a sociolingüística, a psicolingüística, a lingüística textual, a Análise do Discurso – começam a ser “aplicadas” ao ensino da língua materna: novas concepções de língua e linguagem, de variantes lingüísticas, de oralidade e escrita e, conseqüentemente, o “processo” dessa aprendizagem e desse ensino. É também nesse tempo que a psicologia genética traz uma nova compreensão do processo de aprendizagem da língua escrita, através, particularmente, das pesquisas e publicações de Emilia Ferreiro e seus colaboradores, obrigando a uma revisão radical das concepções do sujeito aprendiz da escrita, e de suas relações com esse objeto de aprendizagem, a língua escrita.

Com o surgimento dessas novas teorias sobre o aprendizado da linguagem, a concepção formalista começa a perder força e a concepção sócio-interacionista da língua começa a ganhar espaço e a exercer influência sobre os estudos a serem

desenvolvidos a partir desse período. Diante dessas teorias citadas acima, principalmente da concepção sócio-interacionista, a prática de ensino deve levar em conta muitos aspectos que antes não eram considerados, ou seja, aspectos como a interação entre sujeitos, as condições de produção do texto e o contexto sócio-histórico dos sujeitos envolvidos devem ser levados em consideração. Portanto, precisamos analisar se esses fatores são realmente levados em consideração na prática.

Outro fator de grande importância para o desenvolvimento da aprendizagem de língua materna e principalmente para a noção de escrita foi o surgimento da Linguística Textual e a concepção enunciativa de língua, proposta por Bakhtin (1953/1979). Com o surgimento desses estudos, passou-se a conceber estudos a nível do texto, ou seja, estudos da linguagem que até então eram desenvolvidos a nível frasal agora passam a ser analisados a nível de uma estrutura maior – o texto. Conforme podemos verificar em Rojo (2000, p. 95):

Tal concepção é diversa e, muitas vezes, opostas àquelas que circulam usualmente nas salas de aula de Língua Portuguesa. As correntes aí mais difundidas são as de língua como código ou como sistema. A essas concepções acrescentou-se, mais recentemente, a de que o texto deve ser a unidade básica de ensino, ou seja, para se ensinar o código ou sistema, deve-se sempre partir do texto.

Diante dessa nova postura e consenso dos estudiosos que pesquisam sobre a linguagem, o texto a ser considerado a unidade básica para se desenvolver os mecanismos da aprendizagem. Entretanto, essa é a idéia que se disseminou na teoria, pois na prática do contexto escolar, o texto é, muitas vezes, visto apenas como um produto sendo ignorada a dinâmica do seu processo de significação. Aspectos como conhecimentos prévios partilhados, as condições de produção, o contexto, os sujeitos envolvidos, as intenções comunicativas e tantos outros aspectos muitas vezes são descaracterizados.

A prática de redigir textos não é nada fácil e se torna, conforme Geraldini (2005), “uma tarefa árdua” para aqueles que não têm o domínio ou a prática de produção freqüente. A prática de escrita envolve problemas específicos de estruturação do discurso, exige clareza das idéias, organização das palavras, conexão, coerência, coesão, entre outros aspectos, que na prática oral não requer tantas exigências. O ato de redigir implica ainda realização de operações mentais de natureza conflitante, satisfazendo a um grande número exigências simultaneamente. Além disso, cada texto tem sua forma e

função já estabelecidas pelo que decorrem no contexto social, e o redator, o aprendiz do ato de escrever, deve ter em mente essas formas de constituição dos diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. Ele precisa pelo menos ter a noção e o contato com os principais textos que estão ao seu alcance e fazem parte do seu dia a dia.

Tendo em vista que cada texto tem sua forma e função, isso precisa ser ensinado na escola. Quanto a esse ensino/aprendizagem que deve ser desenvolvido na escola, dois pontos vão ser de fundamental importância para essa prática. O primeiro é a concepção de linguagem adotada e a metodologia utilizada pelo professor; o segundo é a forma como a seção dedicada à produção de texto vai estar estabelecida nos manuais didáticos. É especificamente a esse segundo ponto que pretendemos nos direcionar. A nossa intenção será principalmente analisar como as propostas de produção de textos estão estabelecidas no Livro Didático Leitura, Produção, Gramática e se essas propostas ajudam ao redator encontrar sentido juntamente com a idealização de um interlocutor específico que ajude o seu texto a funcionar.

Uma parte significativa dos materiais didáticos adotados pelas escolas de Ensino Fundamental e Médio, especificamente tratando do material de redação, ainda desconsidera o caráter dialógico da linguagem. Não há uma preocupação com as estratégias do dizer tendo em vista um interlocutor específico. Quase todos partem de uma concepção tradicionalista do ato de escrever, concepção a qual vê a linguagem como expressão do pensamento ou apenas como forma de comunicar-se. Conseqüentemente, apela-se para listas de exercícios de metalinguagem, sugestões de práticas de textos, metodologias de aplicação e sugestões de correção dos textos que pouco ajudam o educando no seu propósito. (GOSSALVES, 2007, P. 2).

Para ensinar a escrita, é preciso, antes de qualquer coisa, que o professor conceba a escrita como uma atividade comunicativa, que desempenha funções definidas e cada vez mais diversificadas no dia a dia de uma sociedade letrada. Neste sentido, o texto, assim como a linguagem, em sua formação dialógica é um processo contínuo, é recheado de marcas, de vozes, de sujeitos que interagem e dialogam entre si. Segundo Bakhtin (1988, p. 98) “um discurso nasce de outros discursos e se produz sempre para um outro sujeito, sendo que esse outro é construído imaginariamente pelo sujeito-autor em um processo de antecipação de contrapalavras”. Sendo assim, vale ressaltar que a nossa intenção com esse trabalho não é analisar a postura ou a metodologia do professor na sua prática de sala de aula, mas a relevância que vão ter as propostas de escrita

presentes no livro didático e as suas implicações no tocante ao desenvolvimento da escrita.

Por isso, ao solicitar uma escrita, é imprescindível que o texto do aluno tenha um interlocutor real. Aliás, o processo de escrita exige que ele (estudante) se desvincule da sua solidão, no ato de escrever, e tenha uma imagem do seu destinatário. Caso contrário é possível que seu texto signifique menos do que pretendia seu autor. Assim, uma prática interacionista de linguagem pode facultar ao educando as ferramentas de que precisa para, ao intuir o interlocutor, usar as qualificações pertinentes para desenvolver uma argumentação eficaz e ao alcance do outro. (GONSALVES, 2007, P. 3).

1.3– Uma visão sócio-interacionista da escrita

Numa perspectiva sócio-interacionista da língua, o aluno tem que construir mentalmente a imagem de um leitor real ou imaginário que ajude o seu texto a funcionar, um co-enunciador. Contudo, o que se verifica no ambiente escolar, apesar das novas teorias que envolvem a produção textual, a partir dos anos 80, é que a qualidade das produções escritas ainda não apresentam mudanças significativas condizentes com as propostas dessas novas teoria.

O que está acontecendo é que a escola, na sua trajetória histórica, falseia as condições de escrita de escrita e não fornece ao estudante as ferramentas de uma prática interativa da língua. Como se pode perceber em Mendonça (2001, p. 250):

Em situações naturais de uso da linguagem, escrever-se sempre para alguém, um alguém de quem se constrói uma representação: na escola quando o produtor do texto não encontra um interlocutor – ou não consegue construí-lo imaginariamente – a atividade de escrita torna-se artificial porque aparentemente monológica.

Desse modo, não faz sentido para o aluno redigir para fins puramente escolares, sem propósitos comunicativos definidos e sem um destinatário, um possível leitor ou co-enunciador. Nesse sentido, a escola se torna para o aluno um ambiente muito rígido, padronizado, estereotipado. Nessas condições de desenvolvimento da escrita, ela se torna muito mecanizada e artificial. A escola, na maioria das vezes, não cria condições reais para a efetivação do processo de escrita, de modo que esse processo tenha um sentido para o aluno, um destino. A escola, segundo Geraldi (2005, p. 120), é “o

interlocutor do estudante” e “o professor, a quem o texto será remetido, será o principal – talvez o único leitor da redação”.

Quando não é proporcionada ao aluno as condições de produção, este não encontra a representação de um sujeito situado só sócio-histórico-ideologicamente, não há alguém com quem se deve travar um diálogo imaginariamente. Quando não acontece essa interação a produção de texto fica sem objetivo, sem sentido. Diante disso, a escrita se torna artificial, mecânica e apenas como estratégia de preenchimento de papel em branco.

A prática da escrita deve estar sempre associada a uma situação real de uso da língua. Fator que deve ser considerada pelo professor em sua postura mediadora do conhecimento. Para o professor ser realmente um mediador é interessante que ele tenha a noção de que a proposta de produção de texto deve cobrar dos produtores uma utilização, alguma finalidade. Para tanto, o professor deve buscar situações que coloquem o aluno em contato com propostas de uso da linguagem escrita que se assemelhem ao que o aluno realmente encontrará em contextos extra-classe.

1.4– A contribuição da teoria dos gêneros para a produção escrita

Um bom ponto de partida que vai ao encontro dessas questões por nós defendidas é o trabalho com os gêneros textuais. Tendo em vista que os textos se materializam nas mais diversas formas e funcionem dos mais diversificados modos em situações do nosso dia a dia, essa materialização acontece através dos gêneros textuais. O trabalho com os gêneros é relevante, pois a partir dele o produtor de texto pode encontrar respostas para uma série de perguntas que fazem parte da sua vida. A esse respeito os PCN (2001, p. 20 – 21) expõem o seguinte:

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes –, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. [...] Isso tudo determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos lingüísticos.

Acreditamos que a proposta de desenvolver o trabalho de produção de texto com base nos gêneros textuais atende ao nosso interesse de solucionar o problema da falta de sentido que o produtor de texto pode sentir quando deparado com uma produção escrita. Uma vez que conforme Marcuschi (2003, p.22):

É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da idéia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Os gêneros textuais se constituem em ações sócio-discursivas que atuam constantemente no nosso dia a dia. Nesse sentido, a intenção de desenvolver um texto que se baseie num gênero textual que esteja presente na rotina do redator, não parecerá sem sentido para ele. Outro ponto que vale se ressaltado é que com essa proposta, o texto do aluno não servirá apenas para o professor ler e apontar erros gramaticais, todavia ela será útil dentro do seu contexto social.

Ainda assim, se fizemos uma análise mais significativa, encontraremos LD que não tratam da questão dos gêneros textuais. Se o fazem não deixam isso explícito. O que verificamos em certos materiais didáticos, é que eles conservam apenas a noção de tipo textual. No entanto, mesmo diante dessa noção simplista de certos LD, de ainda considerarem como aspectos relevantes para a aprendizagem apenas os tipos textuais, a sua difusão, por parte de alguns professores, acontece de forma controversa, pois alguns deles passam a idéia para seus alunos de que os tipos textuais ocorrem separadamente em diferentes textos, assim, essa idéia redutora não vê a possibilidade de um mesmo gênero ser estruturado de vários tipos textuais simultaneamente.

1.5 Gênero textual e tipo textual

Tendo em vista que a proposta por nós defendida com essa pesquisa é o trabalho com gêneros, faz-se necessário estabelecemos a distinção entre tipo textual e gênero textual, visto que o entendimento dessa questão é interessante tanto para o produtor de texto quanto para o professor. Este principalmente, pois é o responsável direto pelo encaminhamento das propostas de produção escrita e da formação de produtores de texto em ascensão. A esse respeito Marcuschi (2003, p. 22-23) apresenta a seguinte definição:

a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Diante dessa definição feita por Marcuschi, a qual outros pesquisadores e estudiosos da linguagem têm uma postura similar, fica mais claro de entendermos a noção e diferença entre tipo e gênero textual. A partir dessa referencia podemos perceber que os gêneros textuais não são instrumentos rígidos e estanques. Eles não se definem por sua forma, mas por sua função e podem ser considerados como elementos dinâmicos que estão sujeitos a adaptações em decorrência de mudanças contextuais.

Bronckart (2003, p. 137) tem postura similar a de Marcuschi em relação aos gêneros textuais. O autor considera o conceito “gênero” para todo exemplar de produção escrita ou oral. O autor exemplifica como gênero escrito: “artigo científico, editorial, receita etc.”; e como gêneros orais: “comunicações científicas, conversações, sermões etc.”.

Bronckart explica que esses exemplares textuais (tanto os orais como os escritos) “apresentam características relativamente estáveis” e afirma ainda que esta é a característica marcante dos gêneros. Com o conceito de “relativamente estáveis” o autor quer dizer que os gêneros:

São produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (...) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos *indexados* (sic), para os contemporâneos e para as gerações posteriores (BRONCKART, 2003, p. 137).

Como os gêneros textuais não se definem por suas formas, mas por suas funções, isso se justifica pelo fato de um gênero assumir a forma de outro e, ainda assim, continuar pertencendo àquele gênero. Esse fenômeno relativo à hibridização ou mescla de gêneros é denominado de “intertextualidade intergêneros” de acordo com Marcuschi (2003, p. 30-31). Como exemplo dessa intertextualidade, o autor apresenta um artigo de opinião publicado na Falha de São Paulo que se apresenta na forma de poema, no entanto não perde a característica de um artigo.

Enquanto o número de gêneros textuais numa determinada sociedade é, em princípio, ilimitado, ampliando-se de acordo com os avanços culturais e tecnológicos, ou seja, adaptando-se de acordo com as exigências do contexto situacional, o número de tipos textuais é limitado, Marcuschi (2003). Além disso, os gêneros textuais não se caracterizam por aspectos formais apenas, mas por sua funcionalidade sócio-comunicativa, ao passo que os tipos textuais se constituem pela predominância de traços lingüísticos (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Assim os tipos estão dentro dos gêneros e um único gênero pode comportar vários tipos textuais.

Bronckart (2003, p. 137) defende a mesma postura de Marcuschi. O autor explica que os gêneros são compostos por “segmentos constitutivos” que devem ser considerados como “tipos lingüísticos” são limitados, ou seja, podem ser numerados. Bronckart (idem) adota o termo “tipos de discurso” para tratar desse segundo conceito. Nós, entretanto, adotamos o termo “tipo textual”, tirado de Marcuschi (2002).

Os “tipos de discurso” de Bronckart (2003) correspondem aos “tipos textuais” de Marcuschi (2002) e às “seqüências tipológicas” de Adam (1992). Como se pode verificar, temos aqui uma questão terminológica. Adotamos, neste trabalho, os termos “gênero textual”, tirado de Bronckart (2003) e “tipo textual”, de Marcuschi (2003). Entendemos como integrantes da primeira categoria: cartas, editoriais, conversações etc; e como pertencentes à segunda: narração, descrição etc. explicadas nossas opções terminológicas e o conceito adotado para cada uma delas, partimos agora à explicação mais detalhada dos “tipos textuais”.

Elaborado o conceito de “tipo textual”, entramos em um outro empasse conceitual e terminológico: “quantos e quais são esses ‘tipos textuais?’”. Adam (apud BRONCKART, 2003, p. 219) se restringe a cinco tipos básicos que são:

- Narrativo;
- Descritivo;

- Argumentativo;
- Explicativo;
- Dialogal.

A seguir, apresentaremos as cinco seqüências, mantendo-nos o mais estritamente possível dentro da análise proposta por Adam (idem) e com a qual concordamos.

1.5.1– Estrutura seqüencial narrativa

De acordo com Adam (apud BRANDÃO 2000, p.29), “para que haja narrativa, seis constituintes devem estar reunidos”:

- a) Deve existir uma situação inicial que é desencadeada por um ou mais personagens;
- b) Deve haver uma complicação, ou seja, a instauração de um conflito.
- c) As ações devem se desenvolver situadas em um período de tempo;
- d) Depois de instaurado o conflito, tem-se um momento em que acontece a sua resolução;
- e) Como a narrativa é aberta com uma situação inicial, em um dado momento deve acontecer à situação final.
- f) Por último, tem-se uma avaliação final do desenrolar das ações.

Vale salientar que a organização dos constituintes que compõem a narrativa, pode apresentar muitas possibilidades de variação.

1.5.2– Estrutura seqüencial descritiva

Segundo Adam (apud BRANDÃO 2000, P. 30) “a descrição é um processo de enumeração e expansão que mobiliza a competência lexical do descritor. [...] Nele a ordem é não-linear, vertical, hierárquica e muito próxima da ordem do dicionário”. A descrição obedece a dois procedimentos base:

- a) Procedimento de ancoragem – esta operação é responsável por relacionar o todo;
- b) Procedimento de espetualização – esta operação é responsável pelo em partes.

1.5.3- Estrutura seqüencial argumentativa

Na argumentativa, as falas, os pontos de vista e as opiniões são direcionadas ao(s) interlocutor(es) visando a adesão às teses que lhes são apresentadas. Em outros termos, o locutor utiliza uma estrutura lingüística com a intenção de convencer um ouvinte ou um auditório. Essa estrutura lingüística ainda se apóia nas formas de dedução e indução. Ou seja, na forma dedutiva, parte-se do geral para o particular; na forma indutiva, parte-se do particular para o geral.

1.5.4- Estrutura seqüencial explicativa

Conforme Adam (apud BRANDÃO 2000, p. 34-35) não há uma distinção representativa entre explicação e argumentação. O autor ainda complementa que “pode-se trabalhar a seqüência explicativa como componente da estrutura seqüencial argumentativa”.

1.5.5- A seqüência conversacional-dialogal

Esse tipo de discurso se caracteriza por uma sucessão de trocas de fala entre falantes. Essas trocas de falas apresentam-se de forma hierarquizadas e coordenadas. Assim, as seqüências e os turnos de fala que se misturam e se entrecruzam, formam um texto único. De acordo com Brandão (2000, p. 36):

O estudo desse tipo de texto deve ser objeto da escola uma vez que será, dentre outras finalidades, uma maneira de levar o aluno a refletir sobre uma forma de linguagem que ele já domina e um caminho para introduzi-lo no estudo do texto e sua relação com a oralidade.

Outro aspecto que vale ser mencionado é que segundo Adam (apud BRANDÃO 2000, p. 32) “ uma descrição ou narrativa também são explícita ou implicitamente atravessadas por uma argumentatividade”. Desse modo, isso demonstra que o autor defende que um mesmo texto pode ser constituído por mais de um ou vários tipos textuais, como Marcuschi (2003) também defende.

Essa relação na qual um único gênero concentra vários tipos em sua estrutura é chamada por Marcuschi (2003 p. 25-26) de “heterogeneidade tipológica”. Segundo esse autor, um exemplo dessa heterogeneidade é a carta pessoal. Esse de tipo de gênero pode até comportar todos os tipos textuais em sua estrutura de uma só vez.

É fato que o tratamento teórico e didático dos gêneros textuais vem ganhando vigor nos últimos anos dentro da Lingüística Aplicada. Com base na relevância dessa temática, surgiram muitos trabalhos e discussões no meio acadêmico e a tendência é que ela ganhe cada vez mais espaço no cenário referente ao ensino/aprendizagem de língua materna. Essa tendência vem se expandindo no Brasil especialmente após a publicação dos PCN que a tomam como base para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

Sendo assim, a teoria dos gêneros está se firmando e se constituindo em bases sólidas a cada dia. Diante dessa nova tendência, não há como negar que os gêneros estão presentes em toda parte, eles estão inseridos no nosso cotidiano, na nossa cultura, na nossa história, no meio social, enfim, eles regem as nossas ações e a nossa vida. Portanto, é consenso hoje entre os estudiosos da linguagem que o trabalho com os gêneros textuais é relevante para o ensino/aprendizagem de língua materna. Com isso, acreditamos que esta é até então a forma mais adequada e a que deve ser levada em consideração por aqueles que pretendem ensinar ou aprender os mecanismos que regem a produção escrita. Dessa forma, esperamos que através da realização deste trabalho, possamos contribuir de alguma maneira para transportar essa tendência teórica, que atualmente paira principalmente no meio acadêmico, para a prática. Em outros termos, o nosso desejo é que essa teoria dos gêneros textuais seja transformada em prática, ou seja, saia do ambiente das discussões teóricas e adentre o ambiente escolar fazendo parte das propostas de atividades para a sala de aula.

Capítulo II

Descrição e Análise das Propostas de Produção de Texto no Livro

CAPÍTULO II - Descrição e Análise das Propostas de Produção de Texto no Livro Didático “Português Leitura – produção – gramática.

O livro didático, uma ferramenta que serve para orientar e direcionar o trabalho do professor na sua postura mediadora de construção de conhecimento, tem como função básica contribuir para o processo educacional. Essa contribuição se dá, uma vez que a maior parte dos textos utilizados no desenvolvimento de leituras e das propostas de produção escrita se encontra neste instrumento de subsídio ao ensino/aprendizagem. Em outras palavras, o Livro Didático.

Neste capítulo, procuramos analisar o Livro Didático “Português Leitura – produção – gramática” mais especificamente a seção relacionada às propostas de produção escrita. Esperamos com essa pesquisa, contribuir e servir de exemplo para outros profissionais interessados pelo desenvolvimento da habilidade de escrita de seus alunos.

A opção por este livro se deu pelo fato desse material ter sido adotado na escola da rede municipal de ensino do município de Santarém – PB onde lecionamos desde 1998.

O livro didático “Português. Leitura – Produção – Gramática”, publicado pela editora Moderna, foi elaborado pela autora Leila Lauer Sarmiento. É destinado a 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental. Quanto a sua estrutura, é composta por quatro unidades temáticas, cada uma contendo dois capítulos. As unidades e os capítulos tem os seguintes títulos:

Unidade I : Convivência, família e liberdade.

Capítulo 1: Convivência

Capítulo 2: Liberdade

Unidade II: Meio ambiente, sociedade e preservação

Capítulo 1: Meio ambiente e sociedade

Capítulo 2: Preservação

Unidade III: Tecnologia, evolução e vida

Capítulo 1: Tecnologia e vida

Capítulo 2: Tecnologia e evolução.

Unidade IV: Educação, cidadania e solidariedade

Capítulo 1: Educação e cidadania

Capítulo 2: Educação e solidariedade.

Os capítulos que compõem cada uma das quatro unidades temáticas têm basicamente a mesma estrutura. Essa estrutura é apresentada com as seguintes seções: “Texto visual”, “Leitura da imagem”, “Antes de ler texto”, “Análise da Leitura”, o texto “Conversa sobre o texto” “Extrapolação das idéias” “Linguagem e interação”, “Oficina de produção” “Você é o autor” “A escrita em foco” “Linguagem”.

Com relação a funcionalidade das seções, cada uma tem sua finalidade específico. A seção “Texto Visual” aparece na abertura dos primeiros capítulos de cada unidade. Esses textos apresentam gravuras onde se trabalha a linguagem não-verbal, soa textos que estabelecem o primeiro contato com o conteúdo a ser abordado, fazendo, ao mesmo tempo, uma associação com os conhecimentos prévios dos alunos.

Na seção “Antes de ler o texto” há uma proposta de levantamento de hipóteses, ativação de conhecimentos prévios e dados que contextualizam a leitura a ser feita além de fornecer dados sobre o autor do texto em foco que vão desde informações bibliográficas até comentários relevantes para compreender o estilo de sua obra e, conseqüentemente, do texto que será lido.

Na seção “A palavra é...” objetiva-se trabalhar as palavras ou as expressões que podem representar dificuldades para os alunos.

Em “Análise da Leitura” a seção introduz questões de compreensão do texto propriamente ditas, que favorecem especialmente as capacidades inferenciais.

Quanto a seção “Conversa sobre o texto” esta é uma expressão oral, nesta seção é proposta uma reflexão mais geral sobre o tema e a vida pessoal do aluno a solicitação de apreciações pessoais de sua parte, de modo a desenvolver a expressão oral do aluno

Na seção “Extrapolação das idéias” em alguns momentos, é uma extensão do que aparece na seção conversa sobre o texto. Em outros, um complemento propondo pesquisas ou discussões sobre o tema em questão, que poderão em algumas situações fornecer material para a produção de textos.

A seção “Linguagem e interação” tem caráter diversificado: antecipa ou retoma tópicos gramaticais que, em muitos casos, serão ou foram trabalhados na seção de Linguagem e que tem ocorrências no texto em estudo, a seção Linguagem e interação ainda explora recursos expressivos ou coesivos usados no texto em questão que auxiliam na compreensão de suas partes, tais como uso do itálico, figuras de linguagem, inferências locais (vocabulário contextualizado).

Na seção “Oficina de produção” são apresentadas atividades que propõem a produção de diferentes gêneros e tipos textuais. As condições de produção são explicitados para o aluno nas propostas: os objetivos são definidos, é indicado um destinatário para o texto e o suporte em que ele circulará. Nesta seção é apresentado um exemplar do gênero que será produzido. São enfocados, especialmente, as características relativas à forma e ao conteúdo.

A seção “Você é o autor” são fornecidas orientações básica para a produção, a avaliação e a reescrita do gênero em questão.

A seção “a escrita em foco” são apresentadas atividades referentes a situações concretas de uso. Estas por sua vez, terão o propósito de por em teste o conhecimento do aluno e desafiá-lo a refletir sobre as razões da grafia. O tratamento desses aspectos se torna importante, visto que no Ensino Fundamental é comum o aluno ter muitas dúvidas sobre a escrita correta das palavras.

Na seção “Linguagem” é destinada ao estudo de tópicos da gramática normativa. A seção apresenta três momentos: Contextualização – a partir de um texto é introduzido o tópico gramatical em questão, e são propostas questões de compreensão; Conceituação – exposição de conteúdo gramatical, com a apresentação do conceito e exemplos de ocorrências; Aplicação – proposição de exercícios de aplicação imediata do que foi explicado.

Após termos feita essa breve apresentação da estrutura do Livro Didático passaremos a analisar mais detalhadamente apenas a seção “Oficina de produção” e a subseção “Você é o autor” de cada um dos 8 capítulos do livro. O nosso trabalho, portanto, constitui-se da análise de propostas de produção escrita as quais estão inseridas nesse Livro Didático.

Sendo assim, para desenvolvermos a nosso análise resolvemos adotas as seguintes categorias.

1. Indicação de gênero textual;
2. Indicação de tipo textual;

3. Indicação das condições de produção.

3.1 Consideração do interlocutor

3.2 Clareza do propósito comunicativo

Esses três critérios acima indicados foram estabelecidos como nossas categorias de análise das atividades de produção escrita do livro por nós analisado. De acordo com essas categorias, avaliaremos as atividades a partir dos seguintes questionamentos.

1. A atividade analisada indica o gênero do texto a ser produzido? Ou apenas sugere que o aluno escreva um texto sem especificar em que gênero se enquadra.
2. A proposta de atividade explicita o(s) tipo(s) textual(is) a ser(em) priorizado(s) na produção do texto?
3. Está claro para quem o aluno vai escrever, ou seja, é possível depreender através da proposta de atividade escrita o interlocutor potencial?

Na proposta de atividade está explícito o propósito comunicativo do texto a ser produzido.

Para a escolha dessas categorias de análise e para a elaboração desses questionamentos, nos baseamos nos pressupostos teóricos de autores como Bakhtim (1997), Bronckart (2003), Adam (apud BRANDÃO, 2000) e Marcuschi (2003). Com base nesses questionamentos descrevemos e nossas considerações sobre as propostas de produção escrita contida no Livro Didático.

Cada capítulo do livro traz duas oficinas de produção e seguidamente a subseção “Você é o autor” (ver anexo)

De acordo com os nossos critérios de análise as propostas deixam claro as condições de produção. Como interlocutores os alunos terão em mente que são conhecedores da realidade e são de fato autores de suas histórias.

As categorias de nossos critérios são contempladas em todas as oficinas de produção. A análise foi feita no geral englobando todas as propostas de produção por as mesmas apresentarem sempre a mesma estrutura, o que difere uma das outras, são os gêneros e tipos textuais que são diversificados.

É possível perceber que a autora de LD geralmente apresenta um exemplo do gênero que será produzido e assim fica óbvio o que o aluno vai produzir. São enfocadas especialmente as características relativas à forma e ao conteúdo. São explorados textos

do tipo narrativo, descritivo, expositivo e argumentativos agrupando assim diferentes textos. A partir dos textos explorados o aluno é capaz de produzir seu texto tendo convicção e conhecimentos do que está escrevendo.

A nossa preocupação é mostrar para o aluno que produzir textos não é apenas escrever qualquer coisa ou que lhe vem na mente, mas é principalmente saber o que se escreve; que gênero e tipo textual se escreve, se ele é um interlocutor potencial.

Diante da observação e análise de produção textual do LD que trabalhamos ficamos satisfeitos, pois temos um ótimo material para se trabalhar com os nossos alunos e explorando-o corretamente teremos futuramente ótimos escritores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que consideramos nos capítulos anteriores a importância da escrita e a dificuldade que muitos professores e alunos sentem no contexto do ensino/aprendizagem dessa habilidade, nosso trabalho se direciona a analisar as propostas de atividades escritas no Livro Didático Português: Leitura Produção Gramática. No tocante à realização da análise propriamente dita, resolvemos adotar alguns parâmetros de análise que podem ser verificados no capítulo 2 (dois). Decidimos adotar esses parâmetros, baseados nos pressupostos teóricos de autores como Bakhtin (1997), Bronckart (2003), Adam (Apud BRONCKART, 2003) e Marcuschi (2003), visando manter um certo nível de coerência na realização desse trabalho.

As atividades de produção propostas no Livro Didático felizmente contemplam as categorias que adotamos para análise. A autora Leila Lauer teve o cuidado de organizar em excelência as seções: “Oficina de produção e Você é o autor”, nas quais ela expõe com exatidão o gênero e tipo textual que o aluno deve estar trabalhando e isso é essencial para nossa pesquisa.

Quanto aos resultados da nossa pesquisa constatamos que foi gratificante, pois de alguma forma contribuimos para amenizar as dificuldades que muitos professores sentem em relação ao assunto.

Diante disso, esperamos que novos trabalhos surjam nessa área de pesquisa na pós - graduação, e tragam novas contribuições para que cada vez mais possamos desvendar esse universo fantástico da escrita. Desse modo, estaremos contribuindo quando apresentamos mais informações e possibilidades para o desenvolvimento do processo de escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACKTIM, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins, 1992.
- BACKTIM, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BEZERRA, M. A.(org). Ensino e Língua Portuguesa e Contextos Teórico- Metodológicos. In: Gêneros Textuais e Ensino, 2ª edição: Rio de Janeiro: Lucerna, p.37-46
- BRANDÃO. H.N. Texto, gêneros do discurso e ensino In BRANDÃO, H.N.
- BRONCKART. J.P. Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio – discursivo. São Paulo: EDVC.2003
- GERALDI, J.W. O texto na sala de aula. Cascavel: Assoete, 2005.
- GONSALVES, A.V. A produção de texto numa perspectiva dialógica. Disponível <http://www.portadasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/dialógica>.
- MARCUSCHI, L. A. (org). Gêneros textuais e funcionalidade. In: Gêneros textuais e ensino.2ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000, p. 19-36.
- PARAMETROS CURRILARES NACIONAIS: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação – Brasília: MEC/SEF,2001.
- ROJO, R. (org). A Prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's – São Paulo: EDUC, Campinas, SP:Mercado de Letras, 2000
- SARMENTO,Leila Lauar.Português:Leitura, produção, gramática. 2ªedição – São Paulo: Moderna,2006.
- ZACCUR, E. A magia da linguagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE 2001.

ANEXOS



Oficina de produção

Texto narrativo: Crônica com discurso direto

Ao criar um longo diálogo, o cronista desenvolveu a história de dois grandes amigos que se reencontram, depois de alguns anos, e notam certas diferenças físicas um no outro. Leia a narrativa.

Amigos

Os dois eram grandes amigos. Amigos de infância. Amigos de adolescência. Amigos de primeiras aventuras. Amigos de se verem todos os dias. Até mais ou menos os 25 anos. Aí, por uma destas coisa da vida — e como a vida tem coisas! — passaram muitos anos sem se ver. Até que um dia...

Um dia se cruzaram na rua. Um ia numa direção, o outro na outra. Os dois se olharam, caminharam mais alguns passos e se viraram ao mesmo tempo, como se fosse coreografado. Tinham-se reconhecido.

— Eu não acredito!

— Não pode ser!

Caíram um nos braços do outro. Foi um abraço demorado e emocionado. Deram-se tantos tapas nas costas quantos tinham sido os anos de separação.

— Deixa eu te ver!

— Estamos aí!

— Mas, você está careca!

— Pois é.

— E aquele bom cabelo?

— Se foi...

— Aquela cabeleira.

— Muito Gumex...

— Fazia um sucesso.

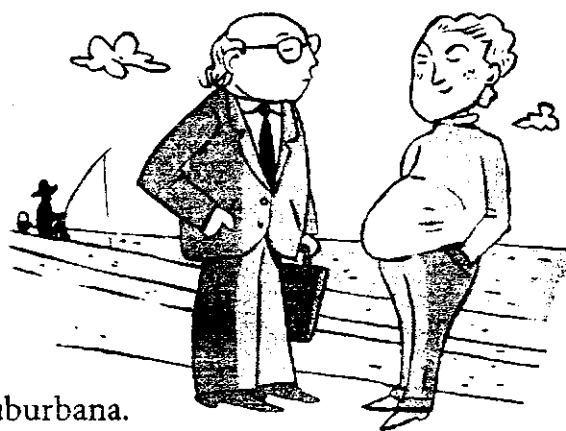
— Pois é.

— Era cabeleira pra derrubar suburbana.

— Muitas sucumbiram...

— Puxa. Deixa eu ver atrás.

Ele se virou para mostrar a careca atrás. O outro exclamou:



- Completamente careca!
— E você?
— Espera aí. O cabelo está todo aqui. Um pouco grisalho, mas firme.
— E essa barriga?
— O que é que a gente vai fazer?
— Boa vida...
— Mais ou menos...
— Uma senhora barriga.
— Nem tanto.
— Aposto que futebol, com essa barriga...
— Nunca mais.
— E você era bom, hein? Um bolão. [...]
— Faz o quê? Vinte anos?
— Vinte e cinco. No mínimo.
— Você mudou um bocado.
— Você também.
— Você acha?
— Careca... [...]
— Cabelo outra vez! Mas isso já é obsessão. Eu, se fosse você, procurava um médico.
— Vá você, que está precisando. Se bem que velhice não tem cura.
— Quem é que é velho?
— Ora, faça-me o favor...
— Velho é você.
— Você. [...]
— Múmia!
— Ah, é? Ah, é?
— Cacareco! Ou será cacareca?
— Saia da minha frente!
Separaram-se, furiosos. Inimigos para o resto da vida.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

LUIS FERNANDO VERISSIMO. *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996. (Fragmento).

No texto, um dos personagens havia ficado completamente calvo, e o outro adquiriu uma barriga avantajada. Irritados com as respectivas críticas, eles começam a discutir calorosamente, até chegar a um desentendimento total. Tornam-se eternos inimigos.

Uma das formas que a crônica pode assumir é a de uma narrativa, caracterizada pelo relato de fatos ou acontecimentos. Em sua estrutura, a narrativa pode apresentar os seguintes elementos: personagens, tempo, espaço, ação; nela, há sempre uma situação inicial e um conflito, em torno dos quais os fatos ocorrem, chegando a um clímax e um desfecho.

Observe que, na narrativa lida, os fatos se desenrolam, sobretudo por meio dos diálogos, que dão movimento e rapidez à seqüência de idéias. O discurso direto dá dinamismo à crônica, realçando o seu caráter episódico mais intensamente. O narrador em 3ª pessoa, de fora da cena, aparece no princípio da crônica e ressurgue, rapidamente, em poucas incursões no decorrer dos fatos. A linguagem é objetiva e clara. Que tal pôr esses recursos em prática?



aut

Produção de uma crônica com discurso direto

1ª proposta

- Leia o começo de um texto sobre um jovem chamado Eli, que desejava estudar, mas não tinha recursos e precisava ajudar a família (situação inicial).
- Continue o diálogo entre ele e Joana, a professora, que busca alternativas na tentativa de não perder o aluno (conflito).
- Desenvolva os diálogos de modo a chegar num clímax (situação máxima de tensão) e conseqüente desfecho (fechamento de sua história).

Alternativas

Eli estava sentado debaixo de uma árvore vendo os meninos jogando bola. Volta e meia, gritava e agitava os braços, incentivando Vado que, entre eles, era o melhor, apesar da pouca idade. Tivesse alguma chance e poderia acabar num dos clubes da região ou até bem mais distante, pensava. Ao ver Joana se aproximar, assustou-se. Quis levantar-se e ir embora, os olhos procurando ao redor, temendo que alguém, qualquer um, os visse juntos.

— Eu desisti da escola, professora! — disse ele, procurando se afastar.

Ela segurou-o pelo braço e disse:

— Tudo bem! A decisão é sua, filho, e eu a respeito.

Mas a gente não pode pelo menos conversar?

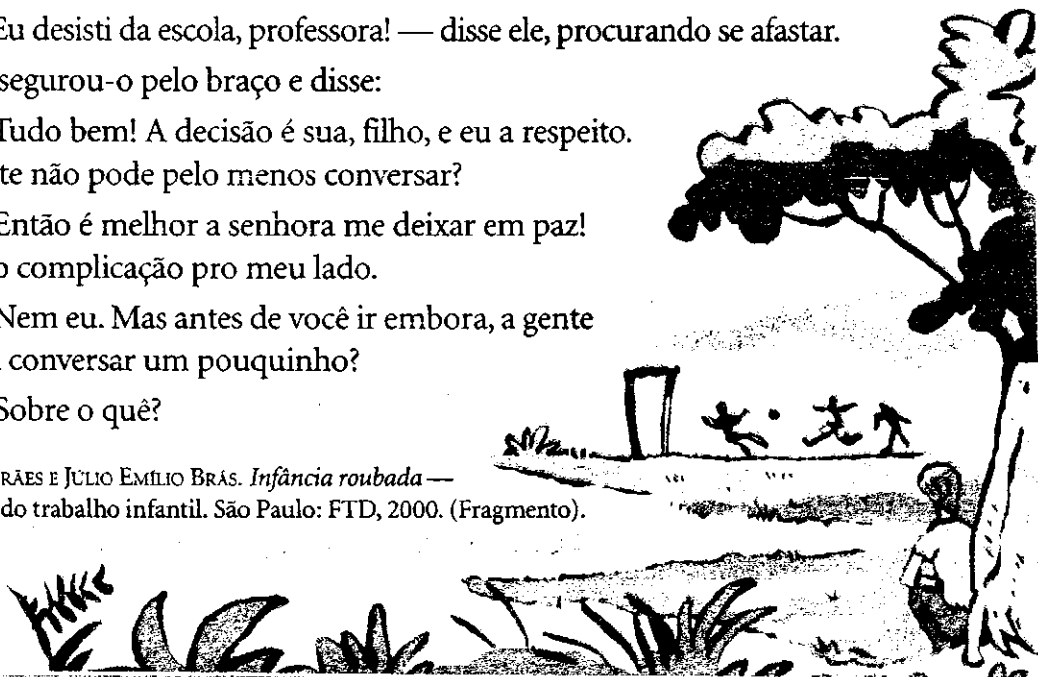
— Então é melhor a senhora me deixar em paz!

Não quero complicação pro meu lado.

— Nem eu. Mas antes de você ir embora, a gente não podia conversar um pouquinho?

— Sobre o quê?

TELMA GUIMARÃES E JÚLIO EMÍLIO BRÁS. *Infância roubada* — a exploração do trabalho infantil. São Paulo: FTD, 2000. (Fragmento).



- 2 Explique em seu caderno o sentido das palavras ou locuções destacadas. Use o box a seguir como referência.

causa tempo oposição conclusão

- a) "Pais e professores, **quando** educam, visam à conquista da autonomia [...]" tempo
b) "[...] não têm autonomia para administrar sozinhos a vida escolar, **porque** os pais esperam determinados resultados [...]" causa
c) "**Por isso** é bom que os pais e educadores pensem com carinho [...]" conclusão
d) "**Mas** há ganhos, pelo menos em relação à vida dos adolescentes [...]" oposição

- 3 Leia estas frases.

a) "[...] os pais esperam **determinados** resultados [...]"

b) Os pais esperam resultados **determinados**.

- 4 Que sentido a palavra destacada apresenta, com a mudança de colocação?

a) Alguns, certos (pronomes indefinidos); b) certos, seguros (adjetivos).



Produção



Oficina de produção

Texto argumentativo: Artigo de opinião

O texto de Rosely Sayão que você leu na Segunda Leitura é um artigo de opinião. Ao responder à questão 2 da Análise da leitura, você identificou:

- a) **introdução:** apresentada nos primeiros dois parágrafos, contém a idéia defendida pela autora, ou seja, "Pais e educadores têm responsabilidade no fato de jovens adultos se considerarem adolescentes".
- b) **corpo:** apresentada do 2º ao 7º parágrafo, é composta de um brevíssimo histórico do conceito de adolescência, de comentários a respeito do papel dos pais em relação à criança e ao adolescente e, finalmente, de observações a respeito de como hoje os adultos se relacionam com os adolescentes e os jovens adultos. Em resumo, ela mostra como, em sua opinião, deveriam se comportar pais e educadores em relação aos adolescentes e como de fato eles se comportam.
- c) **conclusão:** apresentada no último parágrafo, é composta de uma recomendação: a adolescência tem que acabar. Ela afirma que aqueles pais e educadores mencionados na introdução precisam mudar.



Produção de um artigo de opinião

Há muitas maneiras de construir um artigo de opinião. Você acaba de observar uma delas. A proposta do trabalho de produção que faremos a seguir é exercitar essa estrutura.

- a) Sob orientação do professor, reúna-se em grupo com alguns colegas. Você conversará com eles a respeito do texto *Educação de hoje adia fim da adolescência*. Com base nessa conversa, surgirão idéias e talvez, até, alguma polêmica.
- b) Em seguida, individualmente, você deverá definir um tema com base nessa discussão. Estabeleça uma hipótese, justifique-a por meio de comparações ou de exemplos, usando-os como argumentos. Proponha uma solução para o problema apresentado ou indique conseqüências da idéia por você defendida.
- c) Após organizar suas idéias, elabore um texto com, no máximo, cinco parágrafos, desenvolvendo o esquema proposto. Depois de escrever, crie um título que seja convidativo e também que resuma a conclusão do texto.

Avaliação e reescritura

- a) Redigido seu texto, troque-o com o do colega ao lado.
- b) Analise o título, a estrutura do texto, o conteúdo e coloque observações para seu colega. Verifique se as instruções foram adequadamente seguidas.
- c) Receba seu texto de volta e faça as alterações sugeridas, dialogando com seu parceiro.
- d) O professor escolherá os textos a serem lidos, após avaliá-los.



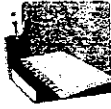
Humor

Anedota búlgara

Era uma vez um czar naturalista
que caçava homens.

Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. *Poesia completa*. Nova Aguilar, 2001.



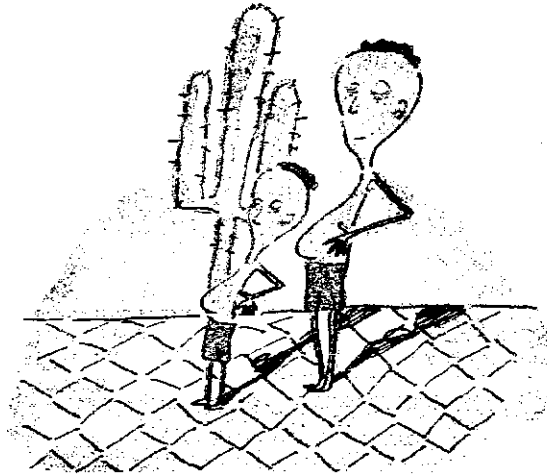
Oficina de produção

Poema: O emprego da conotação

Leia o poema.

Pobreza sideral

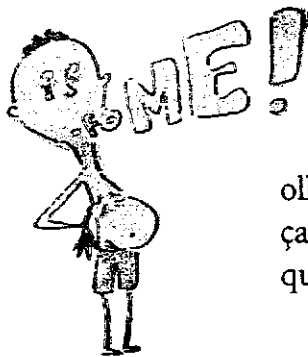
nasci em um país de etês.
grandes olhos de glaucoma,
finas mãozinhas desnutridas,
bicho-de-pé,
barrigas d'água,
e uma linguagem de outro planeta
que os poderosos não entendem.



ULISSES TAVARES. *Viva a poesia viva*. São Paulo: Saraiva, 2002.

Você percebeu que a linguagem do eu lírico, nesse **poema** (texto em versos), é figurada, ou seja, as idéias são apresentadas de forma subjetiva ou conotativa. As palavras são empregadas fora de seu sentido real ou convencional, ganhando maior expressividade. Esse recurso de linguagem chama-se **conotação** e é explorado sobretudo em **textos poéticos** — textos subjetivos que expressam sentimentos, sensações.

Dá-se o nome de **denotação** ao emprego das palavras no sentido real ou objetivo. Geralmente os textos denotativos são informativos e relatam alguma coisa. O poema lido, escrito em linguagem conotativa, poderia ser passado para a linguagem denotativa. Observe:



Pobreza universal

Nasci num país de pessoas estranhas. Elas possuem enormes olhos dilatados, pequenas mãos finas e bastante magras, têm doenças, como micoses no pé, e barrigas volumosas. Falam uma língua que os governantes, por comodismo, fingem não entender.

A linguagem denotativa é entendida mais facilmente por ser objetiva, por isso é mais usada no dia-a-dia.



Produção de um poema

Leia a notícia, escrita em linguagem denotativa, e crie um poema sobre a natureza, em linguagem conotativa, com o mesmo título: "Vingança verde".

Vingança verde

A natureza, quem diria, contribuirá para o aquecimento do planeta. Estudo britânico publicado na revista *Nature*, da semana passada, mostra que as florestas e vegetais marinhos, que retiram gás carbônico (CO_2) do ar para sobreviver, no processo de fotossíntese, despejarão cada vez mais gás na atmosfera por conta das mudanças climáticas resultantes do efeito estufa. O fenômeno está previsto para 2050.

IstoÉ, 15 nov. 2000.

Vista aérea
da Floresta
Amazônica.



IARA VENANZIKINO

Avaliação e reescritura

- Troque seu texto com o texto produzido por um colega.
- Verifique se foi mesmo empregada no poema a linguagem conotativa.
- Troque novamente de textos com seu colega. Refaça o seu trabalho, se julgar conveniente.
- Organize os textos poéticos com os colegas, e faça com eles um Mural de Poemas, com a orientação do professor.



Oficina de produção

Relato: Depoimento pessoal

O depoimento pessoal geralmente é uma exposição oral, mas também pode ser escrito. Nele, uma pessoa relata fatos de sua vida.

Apresenta algumas características de um texto narrativo, pois possui informações sobre quem, o quê, onde e quando os fatos ocorreram. Os fatos são reais e relatados em 1ª pessoa, com o uso de verbos no presente e no passado.

Alguns depoimentos passam a ser importantes documentos históricos, pois constituem testemunhos de momentos significativos da História.

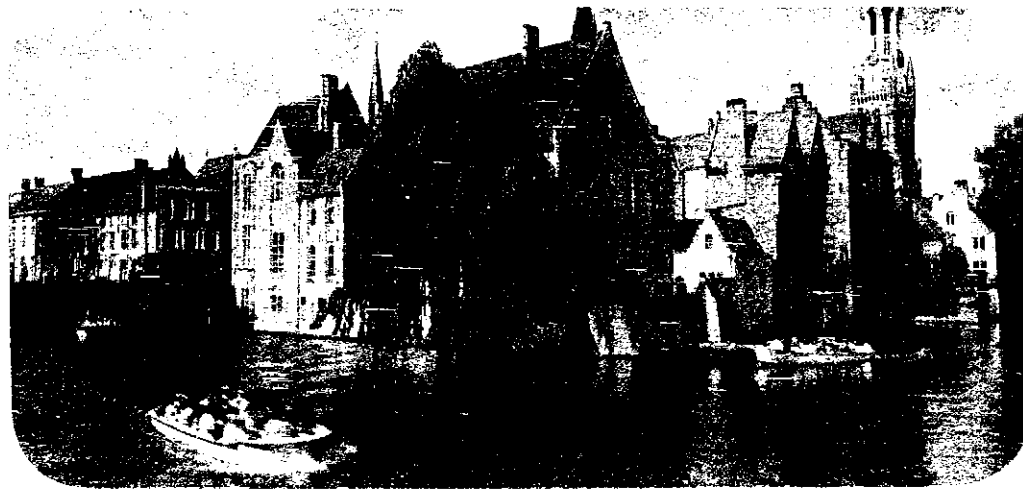
Mas nem sempre o depoimento pessoal é exato; assim, é possível que tenhamos de comprovar o que foi afirmado, checando os acontecimentos, por exemplo, e os nomes das pessoas citadas, se quisermos usar o depoimento como documento.

Leia um modelo de depoimento pessoal, em que uma pessoa relata experiências reais vividas por ela, durante uma viagem à Europa.

Brugge, um legado da Idade Média

A Bélgica só existe para aumentar a distância entre a França e a Holanda. Era o que eu pensava no trem que me levava de Paris a Amsterdã, numa viagem feita quando tinha vinte e poucos anos, com

Bussunda, Cláudio Manoel e um amigo nosso, o Dudu. Até que conheci a pequena cidade medieval belga de Brugge. Tinha tudo para não gostar de lá, mas o lugar me conquistou. [...]



BRYAN REINHART/MASTERFILE/OTHER IMAGES

■ Extrapolação das idéias



Por que grande parte dos rios brasileiros, como o rio Tietê, em São Paulo, estão completamente poluídos? O que se tem feito para reverter essa situação?

Resposta pessoal.

Na sua cidade passa algum rio? Em que condições ele se apresenta? O que tem sido feito para protegê-lo ou recuperá-lo?

Resposta pessoal.

Professor: Orientar os alunos para que pesquisem as informações requisitadas acima em livros, revistas de Ciência, e em sites oficiais relacionados aos temas.

■ Linguagem e interação

➤ Escreva em seu caderno o significado de cada conjunção em destaque nestes versos. Use as palavras do quadro a seguir como referência.

- “Quando um rio corta, corta-se de vez”
- “e muda **porque** com nenhuma comunica,”
- “para que todos os poços se enfrasem:”



oposição tempo alternativa explicação conclusão finalidade

No primeiro verso: tempo; no segundo: explicação; no terceiro: finalidade.

Produção



■ Oficina de produção

■ Resenha e resenha crítica – do texto expositivo ao expositivo-argumentativo

A **resenha** contém informações resumidas sobre um filme, um livro, um CD, uma peça teatral, um espetáculo, ou outra atividade artística.

Há dois tipos de resenha, a que apresenta e explica um fato ou assunto e a que, além disso, faz uma crítica. Na primeira, há informações sobre a obra. Nas resenhas de filmes, são apresentados o enredo, o nome original da obra, o nome do diretor, do produtor, do roteirista e dos atores. É indicado também o gênero: comédia, romance, aventura, etc. Nas resenhas de livros, são apresentados o título, o nome do autor, informações a respeito dele e de sua obra, e um resumo do livro. É importante lembrar que no caso de filmes e de livros em que seja apresentada uma história, a resenha não deve revelar o desfecho.

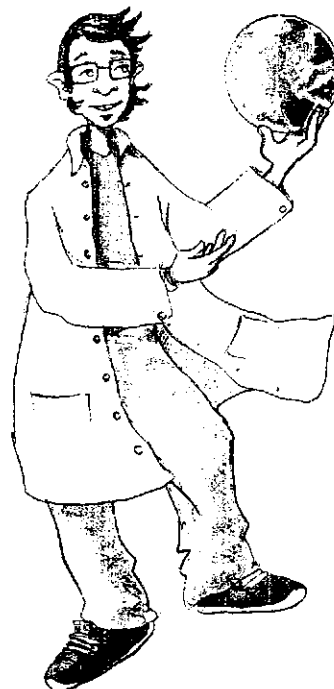
Na resenha expositiva, podem também ser apresentadas todas essas informações. O que a caracteriza, porém, é a apresentação da opinião do autor a respeito da obra comentada.

Agora, veja uma resenha descritiva de um livro e uma resenha crítica de um filme.

Uma nova aula

Imagine se um dia alguns dos maiores cientistas do mundo entrassem numa escola sugerindo mudanças no modo de ensinar — propondo inclusive a religação das ciências da natureza com as ciências da cultura. Foi mais ou menos isso que aconteceu quando o ministro da Educação francês, Claude Allègre, e o filósofo Edgar Morin promoveram, em 1998, as palestras “Jornadas Temáticas”, reunidas no livro *A religação dos saberes* (Bertrand Brasil). Serve como atualização científica para os educadores, com discussões em quase todos os assuntos, do genoma à literatura.

RODRIGO CAVALCANTE



A máquina

João Falcão estréia com trabalho jovial

Uma coisa é certa: *A máquina* é o melhor filme já produzido por Diler Trindade, um dos nomes mais ativos do cinema nacional atual. Não que isto signifique muito, pois ele viabilizou projetos de Xuxa, Renato Aragão e padre Marcelo Rossi. Mas este é um acerto maciço, ainda mais se for considerado o risco da produção: o roteiro de João e Adriana Falcão parte do *best-seller* desta, que já havia se tornado uma consagrada peça dirigida pelo primeiro.

João estréia aqui como diretor de cinema. E faz um dos melhores teatros filmados já vistos no país.

[...] Falcão é fiel à empatia de obras como *Lisbela e o prisioneiro* e radicaliza ao brincar, numa embalagem pop, com viagem no tempo, loucura, romantismo desbragado e a sedução da TV, até mesmo nos conflitos do Nordeste.

O filme corria sério risco de perder os limites. Em equilibrada hora e meia, porém, assiste-se à boa química entre Mariana Ximenes e Gustavo Falcão, mata-se a saudade cinematográfica de Paulo Autran, ouve-se a deliciosa trilha de DJ Dolores e Robertinho do Recife e enche-se a alma com um trabalho jovial e com muito para se ver.

CHRISTIAN PETERMANN. *Guia da Folha*, mai. 2006. (Fragmento).

Na análise do livro, é apresentada uma comparação entre o processo que deu origem ao livro e um exemplo hipotético para que o leitor tenha uma idéia do contexto de produção da obra. Informações a respeito da obra e de sua utilidade são acrescentadas. Observe que é mais difícil identificar a opinião do autor da resenha a respeito do livro porque ele se concentra em divulgar o assunto abordado na obra.

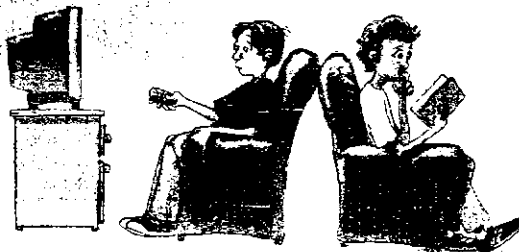
A resenha do filme, porém, é crítica. Em nenhum momento é comentada a história, mas a leitura da resenha convida a assistir ao filme. O autor é claramente favorável ao filme, pois faz uma série de elogios a ele.

Em algumas publicações, o autor da resenha opta por apresentar uma visão mais imparcial da obra, procurando não deixar muito marcada a sua opinião. Já em outras publicações, a resenha ganha um caráter bem mais subjetivo, sendo que, muitas vezes, é até acompanhada por sinais que indicam se a publicação é considerada "regular", "boa", ou "excelente".



Produção de resenhas

1ª proposta



- a) Forme uma dupla com um colega para fazer esta atividade.
- b) Você e seu colega devem assistir a dois filmes ou a duas peças, ou devem ler dois livros. O importante é que os dois elementos da dupla conheçam as duas mesmas obras. Pode ser um livro e um filme, um filme e uma peça, etc. O filme pode ser visto no cinema ou na televisão.
- c) Cada elemento da dupla deverá fazer uma resenha expositiva de uma das obras e uma resenha crítica da outra obra, expondo nesse segundo texto claramente a opinião sobre o filme ou o livro.
- d) A linguagem deve ser formal e adequada aos parâmetros da variedade culta. As críticas ou os elogios devem ser bem fundamentados. Os comentários como, por exemplo, "Gostei porque é legal", "Não gostei porque é ruim" não são válidos.

Avaliação e reescritura

- a) Troque de texto com seu colega de dupla.
- b) Leia as resenhas por ele criadas. Verifique se ele apresentou todas as informações necessárias e se a linguagem está adequada.
- c) Preste atenção aos argumentos da resenha crítica. Verifique se estão suficientemente convincentes para induzir o leitor a querer ou não conhecer a obra.
- d) Faça sugestões se necessário.
- e) Troque novamente de texto com o colega. Refaça seus textos se necessário, de acordo com as observações enumeradas por ele.

■ Extrapolação das idéias



Pesquise sobre o comportamento dos elefantes e troque as informações que conseguir com os colegas.

Resposta pessoal.

Pesquise e informe-se sobre a seguinte questão: o consumo de bebida alcoólica pode se tornar um vício ou uma dependência? Por quê?

Resposta pessoal.

Você já encontrou pessoas bêbadas caídas na rua? O que você sentiu? Por quê?

Resposta pessoal.

Procure saber como atua a Associação dos Alcoólicos Anônimos e conte para a turma o que você aprendeu sobre esse importante trabalho em prol da recuperação dos dependentes de álcool. Resposta pessoal.

Professor: Aproveite a oportunidade para convidar representantes dos Alcoólicos Anônimos para fazer uma palestra na sua escola falando a respeito do alcoolismo na classe. É importante que um grupo ou um representante de alguma associação que faz um trabalho assistencial aos dependentes de álcool informe aos alunos que o alcoolismo é uma doença séria que precisa de tratamento e de acompanhamento constantes. Tanto os dependentes quanto os seus familiares necessitam de apoio de instituições voltadas para essa questão.

■ Linguagem e interação

1 No texto, os bêbados são comparados aos elefantes por meio de metáforas. Escreva em seu caderno uma passagem no texto em que se usou essa figura de linguagem — a **metáfora**.

Sugestão: "Elefantes malferidos, coçam as perebas, sem nenhuma queixa." "[...] rasteja um elefante moribundo".

2 Explique em seu caderno a linguagem figurada empregada nestes trechos:

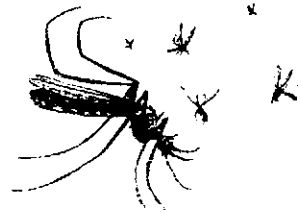
a) "Sentiu que ia se apagar e caiu fora".

Um dos bêbados, Pedro, pressentiu que estava para morrer e afastou-se dos amigos, para morrer sozinho.

b) "Eu gritei: Vai na frente, Pedro, deixa a porta aberta".

Um dos bêbados despediu-se de Pedro, que foi ao encontro da morte, e o amigo pediu-lhe para deixar o caminho livre, pois em breve, provavelmente, ele teria o mesmo destino.

3 Leia esta frase.



"No silêncio o **bzzz** dos pernilongos assinala o posto de um e outro [...]."

► A palavra destacada reproduz o som emitido pelos pernilongos. Como se chama essa figura de linguagem que expressa o ruído, o som e as vozes de animais?

A figura chama-se onomatopéia.

Produção



Oficina de produção

■ Texto técnico: Ofício

O **ofício** é uma correspondência escrita, semelhante a uma carta, entre entidades públicas ou oficiais. Para escrever um ofício, usamos em geral a 1ª pessoa do plural como forma mais cerimoniosa, e o texto é sempre digitado em papel ofício, que já deve apresentar um timbre do órgão expedidor e o nome da entidade.

Em resumo, o ofício deve conter:

- timbre e nome da entidade;
- local e data;
- número do ofício e ano em que está sendo enviado;
- remetente;
- destinatário;
- assunto (motivo do ofício ou ementa);
- vocativo;
- contexto: introdução e desenvolvimento;
- fecho (expressões oficiais, como "Atenciosamente", "Agradecemos desde já", "Subscrevemo-nos");
- assinatura, nome e cargo.

Agora veja dois modelos de ofício.

Texto 1

Rio de Janeiro, 3 de março de 2006.

Ofício 20/06

Do Diretor do Hospital Geral
Ao Ex^{mo}. Sr. Ministro da Saúde Pedro Silva
Assunto: Processo nº 056

Ex^{mo}. Sr. Ministro:

Remetemos a V. Ex^a o processo 056/00, devidamente analisado pelos nossos assessores jurídicos, Dr. Alencar e Ramos Pereira, a fim de que, após criterioso estudo e avaliação, seja aprovado.

Necessitamos adquirir, com urgência, grande quantidade de agulhas especiais para acupuntura, para atender à população mais carente de nosso Estado, e remédios específicos para o tratamento de dores crônicas. Portanto, contamos com a compreensão e o apoio de Vossa Excelência.

Agradecemos as providências cabíveis e o interesse que Vossa Excelência venha a demonstrar. Subscrevemo-nos, atenciosamente,

Sueli Bastos
Diretora do Hospital Geral

Texto 2

Ribeirão Preto, 15 de abril de 2006.

Ofício nº 500/06

Do Diretor da Faculdade de Medicina
Ao Magnificentíssimo Sr. Reitor da Universidade da Cultura
Assunto: Solicitação

Magnificentíssimo Sr. Reitor:

Tendo em vista a formatura de mais uma de nossas turmas de Medicina, neste ano de 2005, solicitamos a V. Magnificência a gentileza de nos ceder o auditório da Reitoria para o dia 12 de dezembro, às 20 horas.

Agradecemos a atenção que nos for dispensada.

Atenciosamente,

Pedro Silva
Diretor da Faculdade de Medicina

Produção de um ofício

- a) Oriente-se pelos modelos dados.
- b) Escolha um dos seguintes ofícios para redigir.
 - Um delegado de um determinado distrito solicita policiamento ao secretário da segurança pública, visando a maior segurança para os moradores.
 - O diretor de um colégio público informa ao diretor de outro colégio sobre a realização de jogos intercolégiais.
 - O ministro dos transportes solicita ao presidente da República uma suplementação de verba para a construção de uma estrada.



Produção



Oficina de produção

III Texto jornalístico: Editorial

Leia o texto a seguir.

O Brasil no espaço, um programa estratégico

Nenhum país que está na vanguarda da pesquisa científica e tecnológica mundial abriu mão de implementar, com recursos próprios ou em parceria, um programa espacial completo, com satélites e cargas úteis, veículos lançadores e plataformas de lançamento. O Brasil é um dos 15 países em todo o mundo que têm um programa espacial com essa amplitude — e o único no hemisfério Sul.

A decisão de aqui desenvolvê-lo foi tomada há 30 anos e se consolidou ao longo desse tempo, no qual o país formou robusta comunidade científica e tecnológica, hoje com mais de 60 mil doutores, os quais contribuem para realizações fundamentais, a exemplo da auto-suficiência na produção de petróleo.

[...]

A missão do tenente-coronel Marcos Cesar Pontes, o primeiro astronauta brasileiro, na Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês) é, neste momento, a face mais visível do Pnae (Programa Nacional de Atividades Espaciais), que delinea ações para o período de 2005 a 2014. Ela consta do item “Missões Científicas e Tecnológicas” do programa, que guarda estreita relação com a participação do Brasil na ISS, planejada desde 1997.

Em conjunto, 16 países trabalham na construção da estação espacial, que orbita a 360 quilômetros da Terra, contribuindo com recursos humanos, financeiros e materiais. A ser concluída em 2010, ela será um laboratório de pesquisa permanente, possibilitando estudos em baixa gravidade manipulados diretamente pelos astronautas e envolvendo áreas da fronteira científica, como nanotecnologia, biotecnologia e produção de medicamentos. Os primeiros experimentos selecionados por cientistas brasileiros para testes na estação espacial foram executados com sucesso pelo astronauta Pontes.

[...] São muitos os benefícios da viagem de Pontes. O Brasil agora tem um astronauta, que ajudará a formar novos astronautas e a planejar as próximas experiências em microgravidade projetadas por cientistas brasileiros. E, também muito importante, ela servirá à popularização da ciência e do programa espacial e à atração de jovens

talentos para a pesquisa científica, a engenharia e a astronáutica. Como há cem anos fez Santos Dumont, ao voar com o 14-Bis nos céus da França, marcando o pioneirismo dos brasileiros nos céus. A ele a missão do tenente-coronel Pontes, denominada Missão Centenário, é dedicada. Seus resultados, temos a convicção, farão avançar o programa espacial, estratégico para o futuro do país.

Folha de S. Paulo, 9 abr. 2006. (Fragmento).

O **editorial** é um texto que expressa as opiniões de uma revista ou de um jornal sobre um fato social, científico, político ou econômico.

O editorial compõe-se, em geral, das seguintes partes:

- **título;**
- **síntese** ou **resumo** do assunto apresentado pelo editor;
- **corpo do texto**, em que vemos os comentários e as opiniões pessoais do jornalista sobre o fato, bem como a visão da revista ou do jornal quanto ao assunto;
- **conclusão**, em que o editor propõe uma solução para o problema abordado, ou sugere ao leitor uma reflexão sobre o fato.

No editorial lido há uma **síntese do assunto**, focalizado nos dois primeiros parágrafos: o estágio em que se encontra o programa espacial brasileiro.

No 3º e no 4º parágrafos, vemos o **corpo do texto**, em que o editor comenta a participação brasileira na construção da Estação Espacial Internacional.

Como **conclusão**, no 5º parágrafo, o autor se refere aos benefícios da viagem do astronauta Marcos Cesar Pontes à Estação Espacial Internacional.

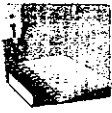


Produção de um editorial

Suponha que você trabalhe como editor em um grande jornal ou revista e que lhe foi sugerido um dos temas a seguir como matéria de um importante editorial. Siga as instruções para fazer a atividade.

- a) Junto com um colega, escolha um acontecimento ocorrido na última semana como base para o editorial. Leia tudo o que foi publicado a respeito e discuta o assunto com seu colega. Selecione uma notícia e guarde-a, pois será usada no final. Se preferir, pode também escolher um dos seguintes temas:
 - a desigualdade social no Brasil;
 - o brasileiro precisa de uma educação de qualidade;
 - o perfil do profissional na era da informática.
- b) Faça também uma pesquisa sobre o assunto escolhido.
- c) Discuta com seu colega as idéias de cada parte do texto.

rodução



Oficina de produção



Texto teatral

Um **texto teatral** ou **dramático** é um texto escrito para ser representado. Pode ser comédia, um drama ou uma tragicomédia. Por exemplo, *O rei da vela* é um drama.

O texto teatral apresenta situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Pode apresentar um ou mais atos dependendo da extensão do texto.

A **ação** é apresentada pela encenação. Não há narrador no texto dramático. Ele é um texto escrito para ser representado por atores. As características dos personagens são reveladas por meio das falas dos personagens e das ações. As **falas** dos personagens orientam na construção da história.

A **linguagem** empregada no texto refletirá as características dos personagens. Uma personagem aristocrata não empregará gírias, por exemplo.

O interlocutor da história vivida pelos personagens é o leitor do texto, quando ele é lido, ou o público, quando ela é representada.

O **cenário** é o conjunto de elementos que constituem o espaço no palco, onde ocorrem as ações. Também fazem parte da encenação: música, figurino, luz, maquiagem, mobiliário e outros elementos.

Observe que no texto há **rubricas**, geralmente em itálico, que orientam como os personagens devem falar — rubrica de interpretação — e como devem se movimentar — rubrica de movimento.

Produção de um texto teatral

Você leu o trecho de uma peça dramática que expõe o problema da exploração do homem pelo homem. Agora siga as instruções para fazer esta atividade.

- Reúna-se com alguns colegas e escolha com eles um tema polêmico. O tema pode ser, por exemplo, a traição, um amor proibido, a inveja, a ambição, o ciúme ou o preconceito social. O grupo deverá definir como o tema escolhido será abordado.
- O grupo decidirá que história ou fatos serão narrados, como serão construídos os personagens (suas características físicas, psicológicas, etc.), como serão estabelecidos os diálogos e as relações entre os personagens. Lembre-se: o texto deve conter uma situação inicial, conflito, clímax e desfecho.

- c) Rubricas bem claras devem ser elaboradas para que o leitor possa conhecer o cenário, o momento em que ocorre a cena e a movimentação dos personagens. As falas devem ser redigidas cuidadosamente, pois é por meio delas que o público conhecerá a história.
- d) Não perca de vista o tema, que deve ser o fio condutor na elaboração da trama e dos diálogos, na caracterização física e psicológica dos personagens, na identificação das rubricas, na descrição do local e do momento em que ocorrerão as cenas.

Avaliação e reescritura

- a) Troque de texto com outro grupo, leia as produções dos colegas, faça sugestões. Depois, no próprio trabalho, acate ou não as mudanças sugeridas. Para isso, releia o texto com seus colegas e corrija o que não estiver claro ou adequado.
- b) Ensaie várias vezes as falas e os gestos dos personagens, e organize o cenário com antecedência. Elabore um folheto com o nome da peça, dos componentes do grupo e dos personagens e entregue-o para os colegas.
- c) No dia da apresentação para a classe, que será combinado com o professor, utilize os recursos de cenário, figurino, iluminação, trilha sonora, etc. Se possível, encene a peça no palco da escola para colegas de outras séries.

Gramática



Linguagem

Sentidos das orações reduzidas

Contextualização

Leia a tira.

CALVIN

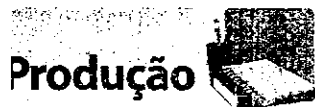
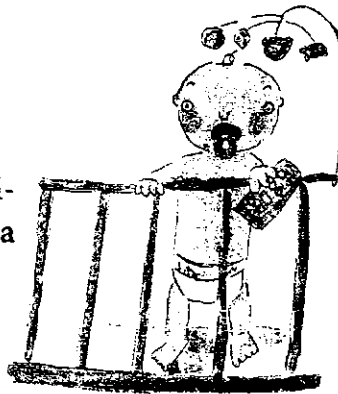
Bill Watterson



Leia esta frase e interprete em seu caderno a expressão destacada.

“O funcionamento de todos é parecido e muito simples, principalmente para aqueles que já nasceram **no berço da informática** e manuseiam o *mouse* tão bem quanto um controle de tevê.”

Faz-se referência às pessoas que iniciaram ainda muito cedo uma convivência com o computador e seus inúmeros recursos.



Oficina de produção

Texto jornalístico: Notícia

O **texto jornalístico**, em geral, possui uma linguagem bem objetiva, clara e concisa, visando informar ou esclarecer o público sobre fatos e acontecimentos atuais ou, ainda, ocorridos em passado recente.

A **notícia** apresenta esse tipo de linguagem. Ela é publicada em jornais ou em revistas, transmitida pelo rádio ou pela televisão e focaliza acontecimentos que possam interessar às pessoas. É elaborada sempre na 3ª pessoa do singular.

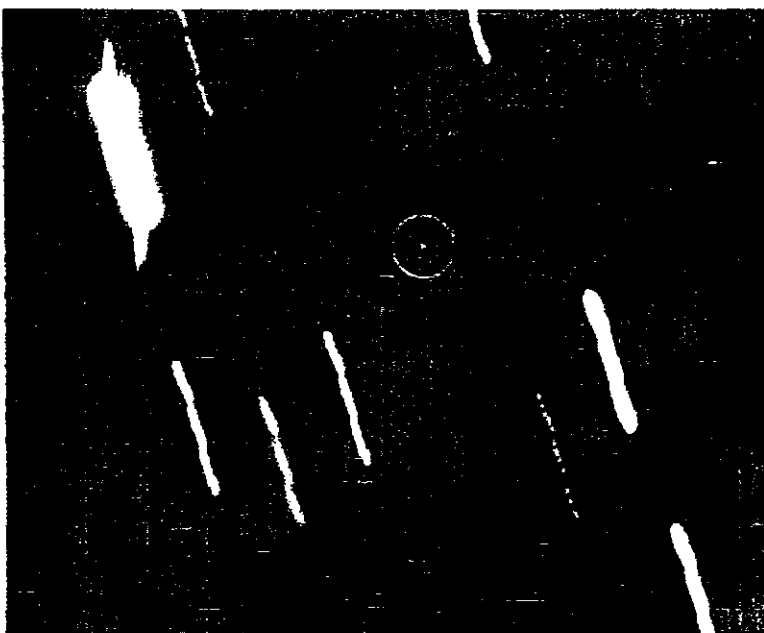
Leia a notícia a seguir e confira.

Ameaça que vem do céu

*Asteróide pode se chocar com a Terra em 2036.
Os cientistas discutem como evitar a catástrofe*

Desde que os cientistas concluíram que os dinossauros foram extintos pela queda de um asteróide na Terra, há 65 milhões de anos, os astrônomos se perguntam: a destruição vinda do céu poderá se repetir? Essa era a principal questão discutida duas semanas atrás, em Londres, num encontro entre cientistas europeus. Em junho do ano passado, descobriu-se um asteróide, batizado de Apophis, que em 2029 poderá passar a uma distância da Terra mais próxima que

a da Lua. Caso isso aconteça, a gravidade terrestre alteraria ligeiramente a órbita do asteróide, fazendo com que, ao passar novamente pela Terra, em 2036, ele colidisse com nosso planeta. Os cálculos indicam que ele cairia próximo a Sydney, na Austrália. Não há risco de que o Apophis, nome dado em homenagem ao símbolo da mitologia egípcia que representa o terror e a destruição, cause a extinção da espécie humana ou da vida na Terra. Ele é relativamente pequeno.



O asteroide Apophis (circulado) no dia em que foi descoberto.

Tem 390 metros de diâmetro — nada que se compare aos 10 quilômetros de diâmetro do asteroide que extinguiu os dinossauros. Ainda assim, seu poder de destruição seria enorme. Segundo a Nasa, ao atingir o solo, ele poderá liberar uma energia de 850 megatons, 57.000 vezes maior do que a da bomba nuclear que arrasou Hiroshima.

“Caso não se tomem providências imediatamente, não se conseguirá desenvolver a tempo uma tecnologia capaz de evitar uma possível colisão do Apophis com a

Terra”, diz Mônica Grady, especialista em meteoritos da Open University, na Inglaterra. Entre os cientistas, não faltam idéias sobre como evitar a colisão do asteroide. O problema é chegar a um consenso sobre a mais adequada. A agência Espacial Européia vem desenvolvendo o projeto de dois satélites irmãos que se encarregariam da missão. O primeiro deles se chocaria com o asteroide, alterando sua órbita e tirando-o da rota de colisão com a Terra. O segundo observaria a manobra e mediria seu sucesso. Outra possibilidade é lançar uma nave com um artefato nuclear capaz de destruir o asteroide enquanto ele ainda se encontra longe da Terra. Enquanto não se decide a melhor forma de afastar o perigo, os astrônomos monitoram atentamente o percurso do Apophis, refazendo constantemente os cálculos para estabelecer sua órbita com a maior precisão possível.

Veja, 21 dez. 2005.
Editora Abril.

A notícia, em geral, apresenta um título bem atraente, utilizado para atrair a atenção do público, como o título da notícia que você leu: “Ameaça que vem do céu”.

Logo abaixo do título, ou na lateral do texto, há um resumo das idéias principais, chamado **olho**. No caso do texto lido, o olho é este: “Asteroide pode se chocar com a Terra em 2036. Os cientistas discutem como evitar a catástrofe”.

O **lide** é a linha ou o parágrafo inicial que apresenta os principais tópicos da matéria desenvolvida no texto jornalístico. Veja o lide do texto lido: “Desde que os cientistas concluíram que os dinossauros [...] os astrônomos se perguntam: a destruição vinda do céu poderá se repetir?”

E, finalmente, há o desenvolvimento do texto, ou seja, o **corpo** da notícia.

Extrapolação das idéias

Que fatos relacionados à globalização têm prejudicado a vida dos países e das pessoas?

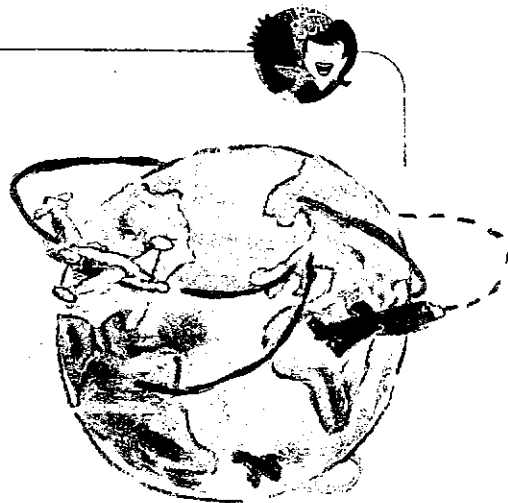
Resposta pessoal.

A seu ver, que benefícios a globalização promoveu nos últimos tempos?

Resposta pessoal.

Por que os países mais desenvolvidos têm uma posição mais vantajosa com a globalização?

Resposta pessoal.



Linguagem e interação

Leia as frases a seguir.

- “Suas vantagens estão fora do alcance de muitos, **enquanto** seus riscos são reais [...]”
- “[...] têm horizontes completamente díspares em seus países, **mas** concordam que uma globalização estruturada [...]”
- “**No entanto**, se observam desequilíbrios persistentes [...]”

Explique em seu caderno qual das palavras em destaque tem significado diferente das demais e elabore uma frase com ela.

Na primeira frase, pois a conjunção **enquanto** expressa simultaneidade. Nas outras frases, as palavras (conjunções) destacadas expressam oposição ou restrição ao que já foi dito.

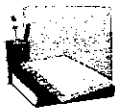
Observe estas frases:

- “Aos investidores estrangeiros propõe-se uma **nova** regulamentação [...]”
- Aos investidores estrangeiros propõe-se uma regulamentação **nova**.

Explique a diferença de sentido do adjetivo destacado, com a mudança de colocação.

Na primeira frase, significa “outra”; na segunda, “diferente”.

Produção



Oficina de produção

Texto argumentativo: Artigo

O artigo tem função opinativa, ou seja, caracteriza-se por expor claramente a **posição** de seu autor. É também chamado de **matéria assinada** ou **coluna**, quando constitui uma seção fixa do jornal. Leia o artigo a seguir.

Na Índia, uma promessa por cumprir

Crescendo a índices surpreendentes, a Índia hoje é, além da China, foco das atenções no mundo. País do futuro? Pode até ser. No entanto, uma visita à Índia levanta dúvidas sobre o destino do país. Na capital do silício, Bangalore, a quinta maior cidade indiana, o sistema de esgoto é praticamente inexistente. A maioria das estradas é de terra. O aeroporto mais parece uma feira montada em uma tenda mal organizada. A estatal Air India faz o *check-in* de seus passageiros manualmente no maior centro tecnológico do país. Sinais de trânsito pelas ruas? Alguns poucos. O jeito é buzinar, como pedem os dizeres de todas as placas traseiras dos caminhões nas estradas: “*Please horn*” ou “*Blow horn*”, imploram. Pobreza? Pior, miséria visível. Afinal, só 3% da população da Índia concentra 95% da riqueza local. Pouco? Em termos percentuais, sim, mas em termos numéricos, não: são 40 milhões de milionários residentes com uma enorme ânsia de consumir e crescer.

Mas o que fazer com os 300 milhões de párias, hindus de uma casta que sequer podem dirigir a palavra a outros de casta mais alta? Analfabetos perambulam pelas ruas das cidades, grandes ou pequenas, sem destino ou trabalho, mas com a espe-



Bangalore, Índia, 2005.

rança de que, na próxima vida, merecerão nascer em uma casta melhor. O que fazer com os 333 milhões de desempregados que constam, oficialmente, da força de trabalho (párias não incluídos)? Existe um sério problema estrutural no crescimento da Índia e que o mundo está ignorando de olho em um mercado quase virgem de 1,2 bilhão de habitantes. Apostam na nação cujo *trader* é chamado de “mahajan”, ou seja, grande alma, e onde os hindus idolatram a deusa da riqueza, Lakshmi, que exalta a perseguição ao bem-estar material, o “*artha*”, como a principal meta da vida. Diferentemente do que acontece com países católicos, a Índia não vê nenhum pecado no lucro. Ao contrário: a cultura por lá dita que os fins justificam, sim, os meios.

SÔNIA RACY. *TAM Magazine*, abr. 2006.

Esse artigo foi publicado na coluna de Sônia Racy, um espaço fixo para o qual ela escreve periodicamente na *TAM Magazine*. A autora expõe seu **ponto de vista** a respeito do crescimento da Índia, fazendo uma crítica ao fato de esse país ser visto pelos demais países apenas como um futuro mercado e não como um local em que ainda existe muita miséria.

A coluna é um texto opinativo, não só por ser assinado por uma autora, mas porque ela interpreta um tema e dá sua opinião sobre ele. Observe que ela deixa bem clara sua opinião a respeito dos fatos.

Além de apresentar de forma crítica e inteligente o assunto, a autora sugere uma resposta ou um caminho para atenuar a gravidade do problema: acreditar no trabalho afetivo realizado na infância e acreditar que o adolescente será capaz de dar uma solução à sua altura para o problema.

No próprio título já é apresentada a opinião da autora: "Na Índia, uma promessa por cumprir". Logo no primeiro parágrafo ela justifica a sua opinião, comentando a miséria e a diferença social na Índia. No segundo parágrafo, ela desenvolve o assunto e conclui: em sua opinião, na Índia, lucrar é permitido e está acima de outras considerações éticas, pois, segundo ela, nesse país, os fins justificam os meios. Pode-se inferir dessa afirmação que, para a colunista, o mercado internacional e as classes dominantes na Índia têm uma mesma preocupação, a de lucrar, e estão menos preocupados com a qualidade de vida dos habitantes.

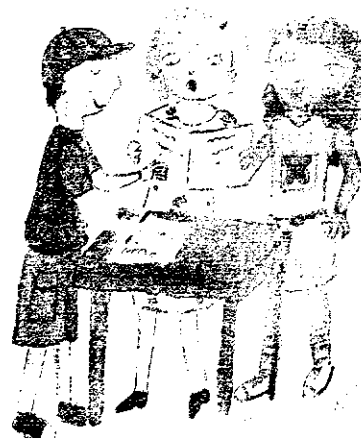


Produção de um artigo

Imagine que a publicação do estudo da ONU mencionado no texto *Globalização? No, gracias* causou uma grande polêmica. Você tem uma coluna em um jornal a respeito de qualidade de vida e decidiu escrever a respeito do estudo.

Forme um grupo com alguns colegas, sob orientação do professor, para fazer esta atividade. Siga as instruções.

- a) Troque idéias sobre o texto lido: *Globalização? No, gracias*. Se necessário, leia mais sobre globalização, realizando uma pesquisa.
- b) Com seus colegas, redija uma coluna sobre esse assunto, expondo o ponto de vista ou a opinião do grupo a respeito dos aspectos positivos e negativos da globalização. O grupo deve dar um bom título ao texto.
- c) A linguagem a ser empregada é a formal.
- d) O texto deve apresentar a opinião do grupo em uma introdução. Em seguida, argumentos que expliquem e justifiquem essa opinião devem ser desenvolvidos. Uma conclusão final encerra o texto.



Avaliação e reescritura

- a) Entregue o texto para um outro grupo, que poderá colocar sugestões e verificar se o artigo foi redigido de forma adequada.
- b) Depois de recebido o texto, altere o que for necessário.
- c) Entregue o texto para o professor, que fará uma última avaliação e selecionará alguns textos para ser lidos para a classe.
- d) Depois, organize os textos em uma pasta e deixe-os na biblioteca da escola para ser consultado por outros alunos.

Linguagem e interação

1 Releia esta frase e interprete em seu caderno a linguagem figurada.

“A maioria é cega ou faz vista grossa para as contradições entre sua prática e seus anseios educacionais.”

Resposta pessoal. Sugestão: Muitas escolas não percebem ou preferem não demonstrar que conhecem as contradições entre o que realizam e o que pretendem realizar.



2 Observe as preposições destacadas nas frases a seguir. Escreva no caderno uma palavra que explique o sentido de cada preposição.

- a) “O que é, afinal, educar **para** o exercício da cidadania?” finalidade
- b) “[...] ensinar o compromisso **com** a liberdade [...]” modo
- c) “Para saber qual é o projeto político pedagógico **de** uma escola [...]” origem

3 Reescreva as frases abaixo em seu caderno, substituindo as locuções adverbiais por advérbios.

Para exercitar a cidadania é preciso saber dialogar, debater, discordar e protestar firmemente e respeitosamente.

“Para exercitar a cidadania é preciso saber dialogar, debater, discordar e protestar. Com firmeza e com respeito.”

4 Releia as frases a seguir.

- a) “[...] é expressar a opinião a respeito de **algum** assunto [...]” Qualquer (sentido positivo).
- b) “[...] é expressar a opinião a respeito de assunto **algum**.” Nenhum (sentido negativo).

Explique em seu caderno a mudança de sentido da palavra destacada provocada pela mudança de colocação na frase.

Produção



Oficina de produção

Texto expositivo: Seminário

O **seminário** é um texto expositivo escrito e oral em que um (ou mais) emissor(es) “especialista”(s) transmite(m) informações, descreve(m) ou explica(m) algo para uma platéia que quer aprender a respeito do assunto exposto. Possui como características principais uma certa **formalidade**, a exploração de diversas **fontes de informação**, a **seleção** das informações em função do tema e a elaboração de um **esquema** destinado a ajudar a apresentação oral.

Seu objetivo essencial é a transmissão de conhecimentos específicos de determinada área científica ou técnica. Como o texto argumentativo que você leu — *Educação e prática de cidadania* —, o seminário também apresenta uma exposição de idéias sobre um determinado assunto.



o que é o autor

Produção de um seminário

Forme um grupo e defina com ele o **tema** e o **público-alvo** para quem será apresentado o seminário.

- a) **Planeje** com o grupo as tarefas, que deverão ser divididas para cada componente do grupo, numa seqüência lógica e progressiva para que o desenvolvimento do assunto seja coerente.
- b) **Pesquise** o tema escolhido na internet, em livros, jornais, revistas, enciclopédias e vídeos. Converse também com professores e outras pessoas que possam informar sobre o assunto.
- c) **Anote** o resultado da pesquisa e, se for o caso, reescreva seus textos para que sejam lidos ou expostos na apresentação. É importante lembrar que seu texto escrito também servirá de base para a exposição oral.
- d) **Reúna-se** novamente com o grupo para confrontar os resultados da pesquisa de cada um. Monte com eles o texto final do seminário.
- e) **Prepare** com o grupo a apresentação com a definição de como será o seminário: a **introdução**, o **desenvolvimento** e a **conclusão**. Verifique a idéia essencial e as secundárias a serem abordadas, como serão apresentados alguns dados (por meio de gráficos, estatísticas, tabelas) e qual suporte será utilizado (cartazes, transparências, etc.). O seminário será mais motivador para o público se forem usados recursos audiovisuais na apresentação.
- f) **Elabore** com o grupo um **esquema** (roteiro) do seminário, com a indicação dos pontos mais importantes do conteúdo. Estes pontos serão destacados no início da apresentação.
- g) **Treine** o que você vai falar na exposição do seminário. Cada um do grupo deve fazer o mesmo. Esse recurso ajuda a saber o que deve ser melhorado durante a fala e o tempo a ser utilizado por cada um.
- h) **Apresente** o seminário, quando cada participante deverá expor oralmente uma parte do trabalho. Por isso, antes da apresentação, prepare-se. Estude bem seu texto, para que a exposição seja clara, envolvente e você mostre domínio do tema. Durante a apresentação, se for preciso, consulte o esquema. Não se esqueça de utilizar o material de apoio para enfatizar os pontos principais do trabalho.



Produção



Oficina de produção

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAÍBA

Texto expositivo: Resumo

O resumo é um texto conciso, geralmente feito a partir de um texto expositivo e explicativo maior, com a seleção e a apresentação, de forma organizada, de pontos fundamentais para a compreensão do texto original.

Para resumir é preciso distinguir a idéia principal das idéias secundárias. É essencial que o resumo contenha as informações necessárias para que o leitor compreenda o que está sendo tratado no texto maior original.

Em geral, o resumo é objetivo, não apresenta uma introdução e não tem caráter opinativo. Informa suficientemente o leitor para que este possa ter uma idéia sobre o texto original de forma global. Alguns resumos, porém, como as sinopses de filmes, livros ou peças, podem ser opinativos, já que são elaborados com o objetivo de persuadir o leitor a ver o filme ou a peça ou a ler o livro.

Leia o texto a seguir e observe a idéia principal e as secundárias.

As diferenças fundamentais do ser humano

Leis, códigos, constituições de países civilizados, maiorias e minorias de diversas épocas garantem que todos os homens nascem iguais. Pode ser. Mas, além das muitas diferenças criadas pelo duro ofício de viver junto (os outros sendo o inferno), há divisões radicais que separam a humanidade naquilo que hoje os colonistas costumam chamar de “nicho”.

Há raças que vivem e pensam de um modo, religiões que acreditam nisso ou naquilo e adotam um comportamento radicalmente contraditório. O exemplo mais notável é o dos judeus, que cobrem a cabeça com um solidéu durante os ofícios religiosos, e os cristãos, que descobrem a cabeça na mesma ocasião.

Há um axioma cultural — que Gore Vidal repetiu num filme de Fellini. A humanidade se divide em dois tipos de homem: os que amam e os que detestam Roma. Os marxistas de vários tamanhos, feitos e intenções costumam dividir a mesmíssima humanidade entre exploradores e explorados. Conheci um cara que fazia a mesma divisão radical entre os que sabiam o que era um hemistíquio e os que não sabiam que diabo era isso.



Em tempo: se não estou enganado, hemistíquio é um troço que os poetas usam para fazer determinados versos quando o acento tônico é indispensável para se obter a sonoridade de um decassílabo ou de um alexandrino. Se estou certo, faço parte de uma humanidade. Se estou errado, faço parte de outra.

CARLOS HEITOR CONY. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 11 ago. 2000.

O resumo do texto lido poderia ser o seguinte:

As diferenças fundamentais do ser humano

Leis, códigos e constituições de todas as épocas afirmam que os homens nascem iguais. Mas há divisões radicais que separam a humanidade em nichos.

Segundo alguns, há os que amam e os que detestam Roma, os exploradores e os explorados. Outras diferenças separam a humanidade entre os que sabem o que é um hemistíquio (divisão tônica de um verso decassílabo ou alexandrino) e os que ignoram. O autor se coloca em posição de duvidar a que “humanidade” pertencia, uma vez que não sabe se o que entende por hemistíquio está correto.

Resumindo ainda mais o texto, teríamos:

Os homens são iguais ao nascer, mas a vida os torna diferentes com o tempo, por questão de raça, de religião ou de outros fatores inexplicáveis, às vezes.



Produção de um resumo

Para elaborar um resumo é aconselhável: prestar atenção à coesão textual, que é a relação que palavras, expressões ou frases estabelecem no texto; encadear os parágrafos com coerência, isto é, com sentido lógico, na ordem direta e na voz ativa; usar a 3ª pessoa do singular; eliminar detalhes; evitar o uso abusivo dos adjetivos; substituir formas mais extensas por outras mais curtas.



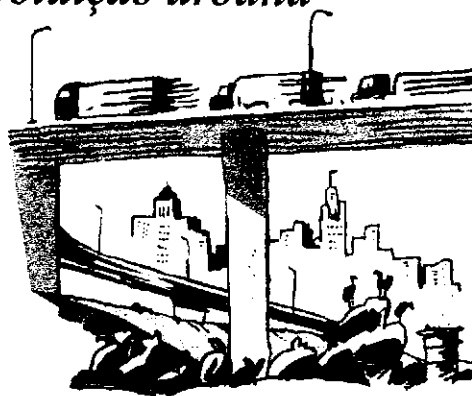
Observe quais são as etapas necessárias para a elaboração de um resumo.

- a) Leitura atenta do texto original para identificar o tema e sua finalidade.
- b) Seleção de fatos ou informações mais importantes para a compreensão do original.
- c) Redação do resumo com expressões menores e simplificadas que remetam ao original.
- d) Revisão do trabalho a fim de fazer alterações e correções necessárias para que o resumo tenha uma unidade de sentido.

Leia o texto a seguir e observe atentamente as idéias mais importantes.

O crescimento das cidades e a poluição urbana

É muito difundida a afirmação de que a cidade é um ecossistema urbano. Mas não é verdade. Qualquer ecossistema deve, antes de tudo, ser auto-suficiente. Um aquário pode ser interpretado como um ecossistema, desde que possua plantas que, recebendo energia na forma de luz, sintetizam compostos orgânicos, os quais alimentarão pequenos animais, que por sua vez servirão de alimento aos peixes, cujos excrementos serão decompostos no próprio ambiente, fornecendo elementos essenciais à vida das plantas.



Enfim, um ecossistema deve conter organismos produtores, consumidores e decompositores, de modo a garantir uma contínua reciclagem de substâncias químicas.

A cidade corresponde simplesmente à etapa consumidora do sistema. Ela não canaliza o fluxo de energia, pois recebe seus elementos químicos, organizados em forma orgânica, de fora. Da lavoura vêm os vegetais, e da pecuária, a carne, o leite e outros produtos para consumo alimentício; das florestas, a madeira; das áreas de mineração, toda sorte de matérias-primas.

Sobretudo não há reciclagem, não há retorno desses componentes químicos, uma vez que os resíduos da cidade são soterrados em aterros sanitários de lixo ou simplesmente lançados ao solo, aos rios, na forma de gases, fumaças e poeiras. Observa-se, assim, um fluxo contínuo de materiais (e também de energia) que provêm de áreas externas à cidade e são aí processados e consumidos — gerando subprodução. Em consequência disso temos, de um lado, a poluição cada vez maior da água, do ar e do solo das cidades, assim como acúmulo de energia na forma de calor; de outro, a necessidade crescente de fertilizantes sintéticos na lavoura.

Produção



Oficina de produção

Texto argumentativo: Debate

Definição

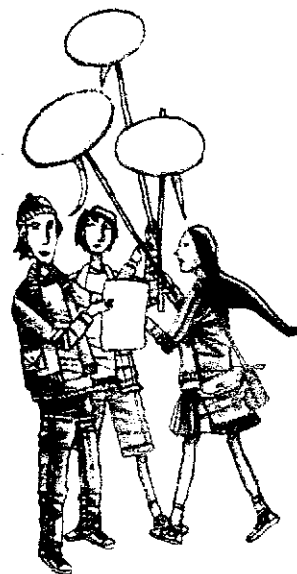
O **debate** é um gênero argumentativo oral, por meio do qual vários participantes expõem suas opiniões sobre um tema polêmico. O objetivo do debate é trocar idéias, apresentar argumentos que fundamentem o próprio ponto de vista e também escutar opiniões diferentes.

Na realização de um debate, os participantes devem falar e também ouvir, sem interromper o outro. A exposição das idéias precisa ser respeitada, como também o ponto de vista de cada um. O tempo disponível para falar deve ser o mesmo para todos e a discussão nunca deve avançar para o plano pessoal. Antes do debate, devem ser selecionados bons argumentos, com exemplos. Os temas de um debate são sempre polêmicos; por isso deve haver um **moderador** ou **mediador** que coordene os trabalhos, garantindo o andamento do debate, a participação de todos os debatedores e a interação com o público. Veja a seguir como pode ser construída a argumentação e quais as atribuições do moderador.

A argumentação

A construção da argumentação para um debate pode ser feita a partir das seguintes etapas:

- **Pesquisa:** até mesmo para se posicionar a respeito de um tema em uma conversa informal é preciso ter um certo conhecimento a respeito daquilo que está sendo discutido. Imagine que a diretoria de sua escola vai promover um debate a respeito de uma nova regra na escola. Antes de se posicionar, você precisa saber tudo a respeito dessa lei: o que ela determina, por que foi feita, que outra regra ela substitui, quem a sugeriu, etc. Somente depois de saber tudo sobre o assunto é que você poderá se posicionar claramente.
- **Organização das informações:** uma vez que você tenha definido qual o seu ponto de vista, precisará organizar seus argumentos. Aprofunde sua pesquisa, recolha dados, consulte a opinião de especialistas. Procure saber também o que pensam as pessoas que não compartilham o seu ponto de vista. Verifique que argumentos você poderia usar para refutar o ponto de vista contrário ao seu. Organize todos esses argumentos em esquemas aos quais você possa recorrer no momento do debate. Se necessário, deixe à mão documentos ou outros recursos que possam ser apresentados na hora do debate.



A organização do debate: o moderador

Um **moderador** ou **mediador** coordena o trabalho, garantindo o andamento do debate, a participação de todos os debatedores e a interação com o público. Na organização de um debate, algumas regras devem ser definidas:

- **Apresentação:** o **moderador**, já escolhido, cumprimenta o público, apresenta o **tema** a ser colocado em debate e fala um pouco sobre o assunto.
- **Definição das normas:** o moderador define o **número de participantes**; recomenda-se em geral menos de seis. Cabe a ele decidir, junto com os debatedores, se o debate ficará restrito a certo número de pessoas ou incluirá todos os presentes. É estabelecido o **tempo** de duração do debate e da exposição de cada participante. O moderador determina a **maneira como serão feitas as perguntas**, ou seja, como as pessoas pedirão para falar, e se as perguntas serão orais ou escritas.

O **moderador** tem ainda como função controlar o tempo dos debatedores, avisando-os com sinais se estiverem estourando o tempo, podendo inclusive interrompê-los para transferir a fala para outro; conceder o direito de réplica e de tréplica se assim ficou definido, quando um debatedor se opuser às idéias de outro; e resolver qualquer outra pendência, durante o debate.

- **Conclusão:** o moderador faz um resumo dos argumentos mais importantes apresentados pelos debatedores, enfatiza o motivo e o valor do debate, agradece a presença de todos e despede-se.



Produção de um debate

- Defina** o tema com o moderador e os demais debatedores; escolham um tema polêmico. Se quiserem, façam um debate sobre: os adolescentes e a família, a desigualdade social no Brasil ou a violência no mundo.
- Organize um debate com os colegas. O moderador poderá ser escolhido pelo professor e pela classe. Antes, prepare-se para ser um(a) bom(a) debatedor(a).
 - **Assista** a um debate, se possível, para acompanhar as táticas empregadas para convencer os outros. Observe as regras apresentadas pelo moderador.
 - **Estude** o tema antes do debate, recorra a materiais de consulta para melhorar seus argumentos.
 - **Participe** ativamente, escutando e anotando a fala do outro; observe a reação da platéia, solicite réplica, fale em voz alta, clara, sem atropelos e repetições.
 - **Fale e ouça**, respeitando pontos de vista diferentes e argumentando no momento adequado.
 - **Respeite** o andamento do debate, não ultrapassando o tempo estipulado e atendendo às solicitações do moderador.

Escreva em seu caderno o sentido das formas verbais destacadas nas frases a seguir. Utilize as palavras do quadro abaixo como referência.

continuidade

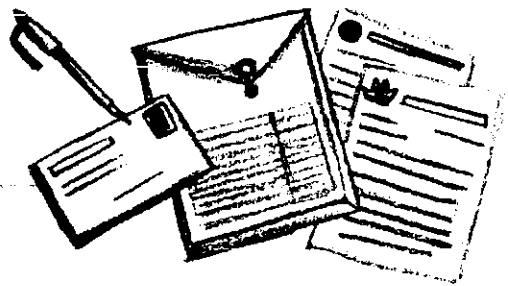
suposição, hipótese

dúvida, incerteza

- a) "Sem vida em sociedade, as pessoas não **conseguiriam** sobreviver [...]."
Suposição, hipótese.
- b) "Para que essa repartição se **faça** com justiça [...]."
Dúvida, incerteza.
- c) "[...] **sentindo** falta de companhia, **sofrendo** a tristeza da solidão [...]."
Continuidade: continuidade.
- d) "[...] se **dependesse** apenas da vontade, seria possível [...]."
Dúvida, incerteza.

Produção 

Oficina de produção



■ Texto técnico – Memorando

O **memorando** é um documento bastante semelhante ao ofício, porém mais simples. Representa um lembrete de informação, muitas vezes em forma de correspondência. Por meio dele se comunica por escrito um fato dentro de uma organização pública ou privada. Ele pode ser:

- a) **interno** — se for dirigido a funcionários da própria empresa ou departamento.
b) **externo** — caso seja destinado a pessoas não pertencentes à empresa.

Com o passar do tempo, surgiram várias estruturas de memorando, sendo a mais comum a que segue:

Logotipo — Há um timbre da empresa impresso na parte superior da folha.

Código e número — O código é colocado três linhas abaixo do timbre e à esquerda da folha, incluindo-se o código do setor ou departamento emissor, seguido do número do memorando.

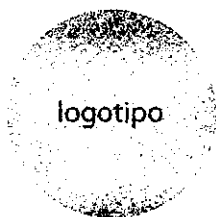
Localidade e data — O nome da localidade e a data, que pode ser reduzida e colocada na mesma linha do código e número, mas à direita.

Ementa — A palavra ementa é escrita na linha seguinte à do código e o número, à esquerda, indicando-se logo após a identificação do processo ou protocolo, ou do assunto.

Corpo — Parte em que se desenvolvem as informações sobre o assunto tratado.

Conclusão — Termos de despedida ou de agradecimento e, finalmente, a assinatura logo acima da função do cargo exercido pelo responsável no envio do documento.

Observe este modelo de memorando.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DO ENSINO SUPERIOR

DES-55

Brasília, 7 de maio de 2006.

Ementa: Processo 621/27.

MEMORANDO para o Sr. Inspetor da 52ª IRE.

1. Informamos a V. Sa. que o Processo em questão transitou por este Departamento, tendo recebido a informação desejada.
2. Solicitamos aguardar a publicação do despacho no Diário Oficial, quando serão tomadas as providências necessárias.

Atenciosamente,

Álvaro Alencar de Mendonça

SECRETÁRIO-GERAL DO DEPARTAMENTO



Produção de um memorando

- a) Agora, redija em seu caderno um *memorando* para uma empresa de outro estado, solicitando informações sobre o atraso no envio do material adquirido para o mês passado.
- b) Coloque-se como gerente do Setor de Suprimentos, responsável pela manutenção e renovação de todo o material necessário ao serviço da empresa onde você trabalha. Observe as orientações e o modelo, antes de começar seu memorando.

Avaliação e reescritura

- Troque de texto com um colega.
- Verifique se o memorando está adequadamente redigido e se a mensagem no corpo do memorando está clara. Faça sugestões se necessário.
- Reescreva seu texto de acordo com as observações de seu colega.

Produção



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

Intertextualidade

A comunicação de idéias entre os textos, que dialogam entre si, nas mais diferentes épocas e estilos, chama-se **intertextualidade**. A partir das produções de outros autores, o escritor inspira-se para a criação de um novo texto. Isso ocorre porque o leitor é influenciado por vários tipos de referências textuais e, posteriormente, produz o seu próprio texto, introduzindo citações implícitas com determinado objetivo. Portanto:

A **intertextualidade** representa o diálogo que se estabelece entre os textos.

Veja a seguir um exemplo de intertextualidade.

Texto 1

Coração vagabundo

Meu coração não se cansa
De ter esperança
De um dia ser tudo o que quer

Meu coração de criança
Não é só a lembrança
De um vulto feliz de mulher
Que passou por meus sonhos sem dizer adeus
E fez dos olhos meus um chorar mais sem fim

Meu coração vagabundo
Quer guardar o mundo em mim

CAETANO VELOSO. *Caetano Veloso*, Polygram, 1986.

